



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Em Busca do Europeu Sub-21, Holanda 2007

Os Espectadores Portugueses em Groningen

Hugo Miguel Soares Queirós Pinto Vieira

Porto, 2007

Em Busca do Europeu Sub-21, Holanda 2007

Os Espectadores Portugueses em Groningen

Estudo realizado no âmbito da
disciplina de Seminário do 5º
ano da licenciatura em
Desporto – Opção curricular
de Desporto de Rendimento,
Futebol

Orientadora: Professora Doutora Ana Luísa Pereira

Co-orientador: Professor Doutor Júlio Garganta

Hugo Miguel Soares Queirós Pinto Vieira

Porto, 2007

Provas de Licenciatura

Vieira, H. (2007). *Em Busca do Europeu Sub-21, Holanda 2007: Os Espectadores Portugueses em Groningen*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; ADEPTO; EUROPEU SUB-21; ESPECTADOR.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Luísa Pereira. Para a melhor monografia do mundo só a melhor professora do mundo.

Ao Deln, pelas noites frias e chuvosas nos jardins de Groningen que não cheguei a dormir.

Índice

AGRADECIMENTOS	III
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
ÍNDICE DE QUADROS	VII
RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
RESUMÉ	XIII
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1 Razões Justificadoras de Preferência	5
2.1.1 A busca da excitação	5
2.1.2 Porquê Futebol?	7
2.1.3 Porquê Portugal?	11
2.2 Classificação dos Espectadores/Adeptos de Futebol	15
2.2.1 Categorização segundo Morris (1981)	15
2.2.2 Categorização segundo Pilz (1988)	17
2.2.3 Categorização segundo Selosse (1989)	18
2.2.4 Categorização segundo Wann et al (2001)	21
2.2.5 Categorização segundo Giulianotti (2002)	23
3. CAMPO METODOLÓGICO	29
3.1 Local da Investigação	29
3.2 Processo de Recolha de Informação	31
3.2.1 Revisão da literatura	31
3.2.2 Observação participante	31
3.2.3 Diário de campo	33
3.3 Processo Analítico	34
3.3.1 Análise de conteúdo	34

i) <i>Corpus</i> de estudo	35
ii) Sistema categorial	35
iii) Unidade de análise	40
iv) Análise estrutural	41
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
4.1 Análise das Categorias e respectivas Sub-categorias	44
Categoria 1) Espectador	44
Sub-categoria 1.1) Orientado para o consumo	45
Sub-categoria 1.2) Orientado para o futebol	46
Sub-categoria 1.3) Orientado para a aventura	47
Categoria 2) Razões excitantes	48
Sub-categoria 2.1) Portugal	49
Sub-categoria 2.2) Futebol	51
Sub-categoria 2.3) Família	52
Sub-categoria 2.4) Festa	54
3) Relacionamento entre Categorias e Sub-categorias	55
5. CONCLUSÕES	59
5.1 Considerações Finais	59
5.2 Limitações e Sugestões	60
6. BIBLIOGRAFIA	61
7. ANEXOS	67

Índice de Figuras

Figura 1: Categorização dos espectadores/adeptos de desporto adaptado do entendimento de Wann et al (2001)	21
Figura 2: Taxonomia da Identidade do espectador de futebol (Giulianotti, 2002)	24

Índice de Quadros

Quadro 1 - Presença ou Ausência das Unidades de Contexto nas Categorias e Sub-categorias	44
---	----

Resumo

O presente estudo pretende (1) aferir porque é que as pessoas portuguesas procuraram a fase final do campeonato de futebol da Europa de sub-21 Holanda 2007 como actividade a realizar e (2) apurar que tipos de espectadores procuraram esse mesmo evento desportivo. Para procurar responder a estes objectivos, realizou-se uma observação participante, acompanhada da redacção de um diário de campo, nos três dias de jogo da selecção portuguesa de futebol, referentes à fase de grupos da fase final do Europeu sub-21 de futebol. O diário de campo foi sujeito a uma análise do conteúdo, de onde emanaram as seguintes categorias e sub-categorias: i) Espectador (Orientado para o consumo; Orientado para a aventura; Orientado para o Futebol); ii) Razão excitante (Portugal; Família; Futebol; Festa). Chegou-se às seguintes conclusões: (1) confirmaram-se presentes todas as razões excitantes propostas (Portugal; Família; Futebol; Festa) para a presença das pessoas portuguesas no evento observado; (2) confirma-se, no evento observado, a presença de espectadores orientados para o futebol e de espectadores orientados para a aventura e, a ausência de espectadores orientados para o consumo.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; ADEPTO; EUROPEU SUB-21; ESPECTADOR.

Abstract

The present study intends (1) to check why did portuguese people look for the final tournament of the 2007 UEFA European Under-21 Championship in Netherland as an activity to carry out and (2) to verify which types of spectators looked for the same sporting event. Trying to fulfil these objectives, there was held a participant observation, while, at the same time, a field diary was being written, during the three days in which the portuguese football team matches, refereeing to the 2007 UEFA European Under-21 Championship in Netherland, took place. Afterwards, through an analysis of the content of the field diary, the following categories and sub-categories were established: i) Spectator (consumption oriented; adventure oriented; Football oriented); ii) Exciting reason (Portugal; Family; Football; Party). We came to the following conclusions: (1) all the Exciting reasons proposed (Portugal; Family; Football; Party) for the presence of the portuguese people in the observed event were confirmed present; (2) we also confirmed, in the observed event, the presence of football oriented spectators and adventure oriented spectators and, the absence of consumption orientated spectators.

KEYWORDS: FOOTBALL; UNDER21 EUROPEAN CHAMPIONSHIP; SUPPORTER; SPECTATOR.

Résumé

La présente étude prétends examiner (1) pourquoi les portugais ont choisit d'aller au championnat d'Europe des espoirs 2007 en Hollande et (2) déterminer quels types de spectateurs y sont allés. Pour chercher à répondre à ces objectifs, nous avons réalisé une enquête participative, accompagnée de la rédaction d'un journal de terrain, pendant les trois jours de match de la sélection portugaise de football, référent à la phase de groupes de la phase finale du championnat d'Europe des espoirs. Le journal de terrain a été soumis à une analyse du contenu, dont ont émanées les suivantes catégories et subcatégories: i) spectateur (orienté par la consommation; orienté par l'aventure; orienté par le football); ii) raison excitante (Portugal; Famille; Football; Fête). Nous sommes arrivés aux conclusions suivantes: (1) se sont confirmés présentes toutes les raisons excitantes proposées (Portugal; Famille; Football; Fête) par la présence des portugais à l'événement observé; 2) se confirme, à l'événement observé, la présence de spectateurs orienté par le football et de spectateurs orienté par l'aventure, et l'absence de spectateurs orienté par la consommation.

MOTS CLÉS: FOOTBALL; SUPPORTER; SPECTATEUR; CHAMPIONNAT D'EUROPE DES ESPOIRS.

1. Introdução

Ao sermos confrontados com o fenómeno desportivo contemporâneo, temos sempre em mente duas facções que se acompanham: os executantes e os que assistem ao seu desempenho. A afirmação anterior sustenta-se na posição de Thrane (2001), que considera que a envolvimento comportamental no desporto tem assumido duas manifestações distintas. Por um lado, a participação directa nos desportos e actividades físicas; e, por outro lado o consumo do desporto pelos espectadores quer na televisão (participação passiva), quer nos estádios (participação activa).

Apesar do crescente aumento no consumo do desporto por espectadores, ao compararmos as duas manifestações de Thrane (2001), chegamos à conclusão de que a participação directa nos desportos e actividades físicas tem sido muito mais estudada do que a segunda envolvimento comportamental.

Contudo, semana a semana, muitos adeptos de Futebol, maioritariamente jovens, estão no seu caminho para apoiar a sua equipa, o seu clube, para admirar os seus ídolos, mas também para terem a experiência de estarem na segurança de um grupo de consciência igual (Pilz, 1996).

Segundo Pilz (1996), a origem de tudo isto é o apoio sem reservas a uma equipa, que significa expressar a alegria e felicidade, mas também sofrer uma dor profunda. No mesmo artigo, o autor refere dois lados de um mesmo espectáculo: um referente ao que tem mais mercado que é caracterizado pelas hordas de adeptos embriagados aterrorizando os participantes e outros que tal, com gestos ameaçadores, e slogans de extrema direita, com lutas ameaçando a ordem pública, centros das cidades, espectadores, jogadores, oficiais e árbitros; outro que concerne às cerimónias, aos acontecimentos barulhentos e coloridos de uma cultura de adeptos de Futebol com as suas canções guerreiras e criativas, bandeiras gigantescas, instrumentos musicais, cachecóis bonés, foguetes, etc.. Arriscamos algumas palavras de Elias (1985 cit. por Pilz, 1996) para aproximar os dois lados:

“Today we have to hold the balance between emotional reserve, imposed on us primarily by work, and the spheres in which moderate affectivity can be satisfied. This is possible, for example, when we watch a western, go to a football match or go to a concert and let ourselves be excited by Beethoven’s music.”

Embora a igual origem dos comportamentos demonstrados por ambos os lados de Pilz seja proposta por Elias, a maioria do trabalho académico em Futebol nos finais dos anos sessenta, especialmente nas suas dimensões sociais, tendem para o holiganismo. É neste contexto que se pode dizer que o debate sociológico sobre Futebol terá começado da premissa histórica de que o Futebol tinha qualquer coisa de mal (Giulianotti, 1997). Obedecendo a uma outra perspectiva, o nosso trabalho parte do pressuposto que para um entendimento do fenómeno futebolístico ao nível do culto no desporto é preciso entender aquelas pessoas que estão envolvidas no consumo do desporto (Wann et al, 2001).

De todas as formas de consumo de Futebol existentes, uma fracção deste consumo realiza-se *in loco*. As pessoas vão aos estádios ou imediações ver Futebol ou contribuir para o espectáculo que se desenrola em torno deste. É conhecido o número elevado de pessoas presentes em jogos de Futebol importantes, ou multidões ainda maiores quando se tratam de competições como o Campeonato do Mundo ou da Europa de Futebol. No Campeonato do Mundo de Futebol, Alemanha 2006, por exemplo, mais de três milhões de pessoas assistiram aos jogos ao vivo (Hay e Joel, 2007). De acordo com os mesmos autores, o Campeonato do Mundo de Futebol só pode ser comparado, em termos de quantidade de espectadores, aos Jogos Olímpicos, e mesmo neste evento a modalidade que regista mais assistência é o Futebol. Porém, não podemos menosprezar o número de pessoas que assistem ao Campeonato da Europa de Futebol, bem como a sua relevância.

Ao percorrer a literatura, podemos constatar a importância destes eventos pelo número de estudos, das mais variadas naturezas realizados sobre os mesmos ou sobre algo relacionado. São só alguns exemplos os estudos de Alabarces e Rodríguez (1997), Coelho (2001), Crable (2004), Hay e Joel (2007) e Negreiros (1998).

Embora nos pareça que os estudos relacionados com o Campeonato da Europa existam em menor número quando em comparação com o Campeonato do Mundo, o seu número não pode ser comparado ao número de estudos realizados sobre o Campeonato da Europa de Futebol de sub-21 que, apesar de lhe ser atribuído muito menos importância, não deixa de ser um evento que mobiliza uma quantidade de pessoas considerável.

Ao tomarmos consciência da quantidade de pessoas que se deslocam até aos locais onde se realizam as fases finais de Futebol de equipas nacionais, deparamo-nos com a inquietação de saber quais as razões que levam as pessoas a deslocarem-se a esses locais. Aliás, é nosso intento, com o presente trabalho, procurar saber porque é que as pessoas portuguesas procuram a fase final do campeonato de Futebol da Europa de sub-21 Holanda 2007 como actividade a realizar. A escolha do campeonato mencionado como palco de análise deve-se, sobretudo, à proximidade temporal do evento bem como à escassez de estudos relacionados com o mesmo.

Para procurar a resposta, propomo-nos criar uma matriz bibliográfica que nos permita, de certa forma, interpretar as razões que poderão estar na origem dessa escolha, bem como tentar perceber que tipos de espectadores procuram essa fase final. À medida que tentamos satisfazer o nosso objectivo é nossa vontade, também, contribuir para o entendimento dos consumidores de desporto e de Futebol em particular.

2. Revisão da literatura

2.1 Razões justificadoras de preferência

Quando se podem permitir fazê-lo, muitas pessoas procuram o que não podem encontrar em casa tão facilmente. Procuram a novidade, a diferença e a surpresa que daí provêm. A busca da excitação, o título de um livro de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), serve perfeitamente para descrever o que provavelmente muitos portugueses procuram quando presenciam uma fase final de Futebol. Nas sociedades industriais mais desenvolvidas são menos frequentes as situações que originam excitação nos indivíduos. E mesmo quando a excepção acontece, as pessoas comportam-se com autocontrolo social, mantendo essa excitação exagerada dominada. Caso não o façam serão, muito possivelmente, vistos como indivíduos que precisam de ajuda para readquirirem o seu controlo público e privado das acções fortemente emotivas. Mesmo nas crises de fórum privado ou familiar, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas permanecem circunscritas ao círculo mais íntimo (Elias e Dunning, 1992). Nos dias que correm pode-se afirmar sem medo que para os adultos serem considerados normais têm que controlar a sua excitação. Por conseguinte, o controlo tornou-se um aspecto da estrutura profunda da personalidade (Elias e Dunning, 1992). Mas a necessidade de expressão dessa excitação, por vezes exagerada, continua a prevalecer dentro dos indivíduos, embora domada.

Admitindo que a trama da existência humana se desenrola num jogo de contrários, balançando entre confiança e angústia, entre esperança e inquietação, entre sonho e realidade (Fernandes, 1999), entre o sagrado e o profano (Costa, 1997), verificamos que, por um lado, enquanto a sociedade exerce pressões e restrições controladoras da excitação, surgem como equilíbrio actividades onde a mesma tolera comportamentos moderadamente excitados. Aparecem, então, como forma de escape, as actividades de lazer enquanto área de libertação das restrições, as actividades miméticas (Elias e Dunning, 1992).

Nem todas as actividades de tempo livre são actividades miméticas. O tempo livre, encarado como todo o tempo liberto de trabalho profissional (Elias e Dunning, 1994), é preenchido por acções variadas que podem ser englobadas numa de cinco esferas de actividades preconizadas por Elias e Dunning (1994). Segundo os mesmos autores, os tempos livres podem ser preenchidos com actividades de trabalho privado e gestão familiar, com repouso, com a procura de satisfação de necessidades biológicas, com a sociabilização e com actividades do fórum mimético.

Sabemos, através de Elias e Dunning (1992), que as actividades miméticas são actividades de tempo livre que compreendem o carácter de lazer, quer se participe nelas como actor ou como espectador, desde que não se participe nas mesmas como forma de trabalho. Estas actividades há muito acompanham o Homem. Nas sociedades ocidentais do passado, as danças macabras nivelavam ou invertiam a estrutura social, tal como as festas carnavalescas realçam o que as normas éticas reprimem (Fernandes, 1999). A categoria das actividades miméticas incorpora o desporto, pintura, jogos de salão, dança, pesca, caça, corridas, turismo, e muitas outras. A simbolização, expressa nas actividades anteriormente enumeradas, traduz de forma invertida a realidade sentida como dura e a que se quer fugir (Fernandes, 1999).

Chegámos ao que pensamos ser o primeiro filtro, na medida em que os portugueses podem simplesmente estar presentes nos locais onde se realizam as fases finais pela excitação que o evento permite. Mas, dentro de tantos eventos desportivos, porque é que as pessoas portuguesas escolhem deslocar-se até Groningen nos dias de jogo de futebol da selecção portuguesa sub-21?

Se o leitor pudesse escolher o que preferiria: ser espectador ou ser actor? E se pudesse ser ambos? Não é preciso uma visão criteriosa para verificar que em jogos de futebol de grande importância, o tempo livre das pessoas que estão presentes é dispendido tanto como espectador como actor. Espectadores de Futebol, um espectáculo maravilhoso e dramático (Costa, 1990), e actores contribuintes para a festa das bancadas e da cidade, em que o espectador integra o envolvimento desportivo e tem a oportunidade de dar o seu contributo a esse envolvimento (Kenyon, 1969, cit. por Wann et al, 2001), o

que possibilita às massas populares sair da banalidade e da monotonia da vida ordinária, dando algum sentido à sua existência (Costa, 1990).

Com esta oferta, estes jogos podem ser privilegiados nas escolhas das actividades miméticas, fazendo pender a preferência das pessoas para um espectáculo desportivo que envolva a participação tanto como actor, como espectador. Cada indivíduo, na sua singularidade, contribui assim, para a constituição de um espectáculo, com representantes vestidos a rigor, conferindo cor e emprestando instrumentos vocais ao local, como que lhe conferindo vida ou, no mínimo, uma identidade temporal particular. Ainda assim, de todos os espectáculos ou actividades em que nos apresentamos como espectador e actor, porquê o Futebol? Qual será o segredo do magnetismo do Futebol, inventado quase há século e meio pelos Ingleses e praticado hoje em todos os recantos do planeta (Garcia, 1998, cit. por Gomez, 2004)?

O Futebol, mais que todos os outros desportos, mais que todos os outros jogos, é naturalmente inteligível, sem que ninguém possa elucidar o mistério dessa inteligibilidade (Bureau, 1986, cit. por Costa, 1987). Sem pretensões de atingir essa compreensão absoluta, tentamos enumerar algumas razões que possam explicar a atracção provocada pelo Futebol, partindo das suas características mais básicas.

Na tentativa de explicar a paixão pelo Futebol, Coelho e Pinheiro (2002) referem teorias de várias índoles. Teorias que tratam do desvio da atenção das pessoas, como a explicação marxista de que o Futebol torna as pessoas dependentes, não permitindo que estas sejam activas na luta pela mudança social e política; teorias de implantação de ideias em massas (Futebol como meio privilegiado para incutir ideias dominantes); teorias que defendem que o Futebol apresenta um universo mais simples e objectivo, onde os indivíduos se refugiam numa espécie de fuga à realidade; e, por último, teorias que acreditam o Futebol como religião ou culto. No entanto, Coelho e Pinheiro (2002) dão-nos uma explicação mais intrínseca, partindo daquilo que distingue o Futebol dos outros desportos. Parece-nos ser possível afirmar que estes

autores atribuem o aparecimento da paixão a quatro predicados do Futebol: simplicidade, estética, excitabilidade e acessibilidade.

De acordo com os mesmos autores, a simplicidade da sua estrutura geral, tanto em termos de exigências espaciais (pode ser praticado em qualquer lugar), como em termos de equipamento necessário (uma bola, ou, acrescentamos, algo que a represente), relaciona-se directamente com o fascínio pelo Futebol. Mais, a simplicidade e pouca mudança das regras do jogo ao longo dos anos ajudou à sua compreensão e difusão, bem como à sua adaptação a variados contextos espaço-sociais (os diferentes estilos de jogo das zonas do globo). A juntar a isto, a simplicidade do jogo constitui-se como um dos grandes valores sociais do Futebol já que permite que todas as pessoas o entendam e discutam, permitindo assim a participação efectiva ou real de todos sem discriminações.

O espectáculo em si é estimulante do ponto de vista estético: o controlo da bola, os movimentos constantes e as movimentações colectivas, para não esquecer a grande concentração de pessoas em torno do jogo fazem, por vezes, do Futebol um espectáculo (Coelho e Pinheiro, 2002). Este espectáculo disfarça-se de festa e aparece invariavelmente. “O que me atrai, antes de mais nada, no Futebol, é a festa” (Pires, 1984, cit. por Costa, 1990 p.10).

Numa época marcada pela decadência da festa, a festa do Futebol testemunha a profunda necessidade que o homem sente em sair do espaço-tempo da sua vida ordinária para se encontrar periodicamente numa situação transcendente, para viver (Costa, 1987). Esta festa, onde os actos de criança parecem ser permitidos aos adultos (Elias e Dunning, 1992), tem o poder de liberar o Homem das preocupações ordinárias do seu quotidiano, impulsionando-o em direcção a um modo de existência mais humano e mais autêntico (Costa, 1987), equilibrando as suas necessidades. O Homem parece já não saber verdadeiramente viver sem essa festa, pois sem ela já não tem acesso ao que procura, à excitação (Elias e Dunning, 1992) que não encontra na vida diária. Esta festa, lugar de encontro do Homem com as suas origens, é também o espaço onde o mesmo se depara com os sentidos da sua própria existência e a possibilidade da sua sobrevivência (Costa, 1987): “no princípio

era a festa e nela tem raízes tudo o que de bom existe no mundo”, defende Costa (1990, p.3), numa alusão ao Homem como ser festivo na sua essência.

O Futebol está ligado à festa desde as suas origens. Tal como o desporto na globalidade, o seu nascimento mítico-religioso acontece no interior de uma festa, servindo a função de partida ritual (Costa, 1990). Ainda hoje, depois de qualquer jogo de futebol, desde o menos ao mais importante, o que se celebra é a festa, a festa onde a bola redonda é o centro (Costa, 1987). Muitas pessoas podem ser atraídas por esta festa, na medida em que “a primeira imagem que formamos do Futebol, é a de um espectáculo, grandioso, onde o maravilhoso e o dramático se unem numa aliança perfeita, celebrada em ambiente festivo, onde a banalidade do ordinário é interrompida” (Costa, 1990, pp.5).

De acordo com Coelho e Pinheiro (2002), existe ainda outro aspecto decisivo na explicação da atracção ao jogo. Falamos da produção regular de altos níveis de excitação e emoção entre o público, por exemplo só pelo simples facto de pertencermos a uma multidão que se manifesta corporalmente aos acontecimentos que se desenrolam. No próprio campo os jogadores obedecem a regras, mas mesmo essas não limitam sobremaneira a produção de excitação dado que apresentam um carácter pouco obstrutivo quando em comparação com outros desportos. O movimento contínuo e o contacto físico característicos do jogo, ainda que controlado, parecem estimular o crescimento sustentado da excitação nos espectadores.

O Futebol também parece ser um desporto acessível a muitas pessoas porque as regras do jogo possibilitam um equilíbrio entre as capacidades dos jogadores, não permitindo que a dimensão física se sobreponha às outras dimensões, evitando que um indivíduo tenha de ter *a priori* determinadas características físicas para a sua prática (Coelho e Pinheiro, 2002).

Outro aspecto proposto pelos autores para a atracção que o Futebol provoca é o seu carácter incerto e final imprevisível. De facto, um desfecho conhecido *a priori*, sem probabilidade de erro ou de surpresa, guiando a um resultado inelutável, é incompatível com a natureza do jogo. Está-lhe intrínseco uma renovação constante e imprevisível da situação, como a que se produz ao

atacar e ao ripostar (Caillois, 1990). Com efeito, ao contrário de outras actividades de lazer, como por exemplo o ballet ou o cinema, o jogo de futebol não tem um guião escrito que é cumprido, antes pelo contrário a sua história vai sendo escrita com o desenrolar do próprio jogo e o grande final está estritamente relacionado com esse desenrolar de acontecimentos, o que confere ao jogo de futebol um forte elemento de incerteza. É o *Agôn* manifesto (Caillois, 1990), a competição que justifica o quando dos comportamentos e emoções. O facto de ser impossível saber o que está prestes a suceder, como que transforma um jogo de futebol num drama “cuja diferentes peripécias mantêm o público na expectativa e culminam num desenlace que exalta uns e desilude outros” (Caillois, 1990, pp.42). Um bom exemplo disso é o facto de um jogador dotado ou momentaneamente inspirado poder decidir resultados, mesmo que a equipa adversária seja mais forte (Coelho e Pinheiro, 2002).

Para além de tudo isto, temos também de considerar uma dimensão mais simbólica para explicar a popularidade do Futebol, referente às qualidades dramáticas deste desporto/espectáculo. De acordo com Costa (1990), o drama faz parte do cenário do Futebol, constituindo-se, este último, do ponto de vista estrutural, como um combate organizado, de tipo ritual e de natureza sacrificial. Podemos dizer ainda que o Futebol apresenta uma representação dramática mais autêntica do que o que se passa no teatro, pois o drama constrói-se sob os olhares dos espectadores e o desfecho final é ignorado pelos próprios actores (Costa, 1990).

O mesmo drama torna-se ainda mais familiar na medida em que engloba, também, alguns princípios que reproduzem o que se passa na sociedade que o criou. Coelho (2001) diz mesmo que os jogos de futebol concentram características que modelam as sociedades modernas: a importância da sorte, a suposta meritocracia, a competição e divisão de tarefas, e o facto da felicidade de uns corresponder à infelicidade dos outros. Um jogo de futebol dá-nos, resumida e simplificada, uma condensação simbólica dos dramas e passos que marcam a vida: as vitórias e as derrotas, a arbitrariedade da justiça, a intervenção aleatória da sorte e azar (Bromberger, 1993, cit. por Coelho, 2001), ou seja, o Futebol pode ser encarado como um

espelho da sociedade (Costa, 1987). Esta simbolização de confronto entre colectivos conduz à contínua produção de altos níveis de excitação e tensão entre multidões (Coelho, 2001).

Por fim, falta tentar perceber porque é que de todos os jogos de futebol as pessoas portuguesas preferem ver a equipa de Portugal sub-21 jogar.

Para responder a esta pergunta, antes de mais temos de falar sobre a construção da identidade. Partindo do princípio que os sujeitos são produzidos e reproduzidos cultural e socialmente e, acrescentamos nós, se produzem e reproduzem eles mesmos cultural e socialmente, Coelho (2001) atribui aos discursos – sendo estes a forma expressa como os seres humanos se vêem e compreendem a si próprios em cada cultura, a forma como é produzido o conhecimento acerca do social, do indivíduo, dos significados partilhados em determinado período histórico (Burr, 1995, cit. por Coelho, 2001) – o papel de construtores de um qualquer indivíduo e da sua respectiva identidade. Por outras palavras, a identidade é formada por discursos, construções sociais em permanente mutação, relativos à nacionalidade, sexo, idade entre outros (Coelho, 2001). Assim, o indivíduo, enquanto identidade pessoal, constitui-se como uma matriz de diferentes e transitórios discursos, muitas vezes limitados à sua cultura ou meio circundante. Adicionalmente, podemos afirmar que a identidade não tem origem na pessoa, mas na sociedade circundante, onde os indivíduos estão embrenhados num ambiente de signos e significados, organizados em discursos (muitos passam-nos despercebidos devido à sua familiaridade: hábitos de linguagem, bandeiras hasteadas nos edifícios públicos, mapas, hinos nacionais, etc.), que constroem identidades, bem como práticas e estruturas sociais (Coelho, 2001). A partilha desses discursos pode originar um pensamento de união identitária comum, uma identidade nacional, em que cada um é um outro de um mesmo (Fernandes, 1999). Como nos diz Santos (2003, pp.27) “a identidade nacional deve ser vista como uma forma específica de identidade colectiva: latente, podendo manifestar-se em situações de conflito, omnipresente, em elementos objectivos como o bilhete de identidade e o passaporte, e fenómeno evanescente por ter, enquanto ideia, pouca estabilidade e solidez”.

Entendendo o desporto moderno como um conjunto de discursos, estamos em posição de afirmar que o mesmo é produto e produtor de identidade nacional. Se por um lado os rituais da competição internacional desportiva, os media desportivos e as histórias dos feitos dos campeões desportivos ajudam a compor concepções populares de identidade nacional (Dyreson, 2003, cit. por Santos, 2003), por outro lado as equipas nacionais incorporam o perfil psicológico do estereótipo do modo de ser português bem como as suas respectivas qualidades de força, garra e virilidade (Santos, 2003).

Voltando ao Futebol, é perceptível que os acessórios com símbolos nacionais ou clubísticos que demonstram uma pertença podem ser admitidos como uma prática de representação simbólica, que dá significado e expressão à ideia de pertença a uma cultura nacional (Hall, 1997, cit. por Coelho, 2001). Essa cultura nacional incutida pelos discursos de diferentes origens, mas também pelo Futebol, permite o que Benedict Anderson (1993, cit por Aliaga, 2005) chamou de comunidade imaginada, uma convicção partilhada pelos habitantes de uma determinada área geográfica, um sentimento mais ou menos profundo que se traduz na crença e na identificação com a imaginada colectividade nacional (Coelho, 2001). Como diz Aliaga (2005), o Futebol permite aos indivíduos a construção de uma ilusão de nação, permite-lhes construir simbolicamente uma comunidade imaginada que se adapte à sua visão particular de nação.

Esta capacidade do Futebol é sustentada por Santos (2003) que, apoiando-se nos conhecimentos de Herder (1874) e Dumont (1992), acredita na ideia de nação vista como um indivíduo colectivo, os heróis nacionais. Estes, ao serem parte integrante da cultura que representam, constituem-se como símbolos de identidade nacional e da nação. Estado, nação e sociedade passam a ser representados como um corpo individual coeso.

O desporto, e no nosso caso o Futebol, no interior desta ideia de nação, serve para afirmar a unidade do que é ser de uma determinada nacionalidade (Santos, 2003), demarcando as fronteiras entre uma nação e as demais. Essa unidade, ao ser representada por um indivíduo ou equipa, tende a fazer do seu

corpo uma extensão das características da nação que representa, a sua “forma física”, o seu estado psicológico, que se espera imbatível na disputa com outros “corpus nacionais” (Santos, 2003). Representada por um indivíduo ou equipa, a nação ganha um corpo físico nacional.

Uma das características essenciais do Futebol como fenómeno social é que as equipas são muito mais do que onze jogadores e representam sentimentos colectivos (Aliaga, 2005) de uma comunidade imaginada (Anderson, 1993, cit. por Aliaga, 2005), a nação. Segundo Aliaga (2005), o Futebol actua como uma identidade colectiva disponível que permite aos indivíduos encontrar mecanismos de reconhecimento e participação ilusória frente a um estado e uma sociedade que os interpela. Esta participação edifica uma ilusão de nação, uma comunidade imaginada que cada indivíduo constrói com base no seu grupo social e na sua posição de classe; esta identificação nega simbolicamente os grupos sociais que os indivíduos discriminam e permite construir uma comunidade imaginária directamente relacionada com os valores sociais de cada indivíduo. Por nossas palavras, e fazendo uma analogia para o fenómeno em estudo, cada pessoa cria a sua própria comunidade imaginada, através dos discursos a que tem acesso, que depois é representada pela selecção nacional de sub-21, constituindo-se esta como símbolo de identificação nacional, fazendo com que os cidadãos que apoiam a selecção portuguesa de Futebol sub-21 apoiem a nação, a já mencionada comunidade imaginada.

Com a recolha bibliográfica feita até ao presente momento, tentámos reunir informação proveniente de autores, tidos como autoridade na matéria, que nos permitisse delinear algumas possibilidades adequadas para a preferência dos portugueses pela deslocação à cidade onde se realizam os jogos relativos ao Europeu de sub-21 de Futebol Holanda 2007, nos dias em que se realizam os respectivos jogos da equipa de Portugal. A pesquisa foi realizada numa lógica de afunilamento, tentando estreitar as possíveis razões justificadoras da preferência. Não se esgotando aqui os nossos objectivos, no ponto que se segue tentaremos, através de categorizações de adeptos/espectadores propostas por diversos autores, criar um sistema

categorial que nos permita agrupar as pessoas portuguesas englobadas no nosso estudo, na tentativa de alcançar um maior entendimento acerca das mesmas.

2.2 Classificação dos espectadores/adeptos de Futebol

Debruçamo-nos agora na tentativa de tentar perceber quem são as pessoas portuguesas que procuraram a fase final do campeonato da Europa de sub-21 de Futebol Holanda 2007 como actividade a realizar. Para nos ajudar a entender procuramos, nos trabalhos já realizados por outros autores, um padrão classificativo onde possamos reunir essas pessoas em grupos que partilhem um determinado perfil.

Em primeiro lugar, aparece-nos Desmond Morris em 1981, com o seu livro “A tribo do Futebol”, onde aborda a problemática dos adeptos numa perspectiva de comparação dos mesmos com os exércitos medievais. Defende, tal como nós, que o desporto sem adeptos perderia o seu espírito. Não resistimos a incorporar no presente trabalho, pela pertinência e valor emocional, uma passagem que consta no seu trabalho:

Densas colunas de figuras em movimento, com roupas vistosas, segurando bandeiras e flâmulas, convergem para a arena dominadora, entoando cânticos, gritando os nomes das suas tribos e dos seus heróis, rufando tambores, tocando buzinas e batendo palmas em ritmos rituais. São os Adeptos Tribais, que se tornaram tão importantes para a emoção do jogo como os próprios jogadores (Morris, 1981, pp.234).

Para Morris (1981), o adepto é um indivíduo que se interessa o bastante pelos aspectos técnicos do desporto e que mantém uma lealdade inabalável pelo seu clube. Uma leitura mais atenta do mesmo trabalho pode levar-nos a inferir que também ele admite a possibilidade de diferentes níveis de identificação com a equipa, conceito que desenvolveremos mais à frente.

Não obstante a sua linguagem divertida, a contemporaneidade das suas categorias é inquestionável, embora possamos discutir o seu sistema de categorização.

Morris (1981) dividiu os adeptos em dois grandes grupos: os Antigos Adeptos e os Jovens adeptos. Quando assistem a um jogo, os Adeptos Antigos

encontram-se sentados e os novos ficam de pé. Dentro do grupo dos Antigos Adeptos existem ainda os seguintes subgrupos:

- Lealistas: adeptos que devotam as suas vidas ao clube;
- Especialistas: adeptos que sabem mais acerca da equipa do que o treinador;
- Brincalhões: adeptos que criaram um reportório de comentários cáusticos e divertidos que gritam sempre que existe um intervalo no jogo;
- Furiosos: adeptos que criaram um reportório de comentários furiosos e insultuosos que gritam sempre que existe um intervalo no jogo;
- Mártires: adeptos que nunca gritam, gemem baixinho para si próprios;
- Excêntricos: adeptos esquisitos que aparecem usando um traje exótico, sem que nunca ninguém perceba o que pensam do jogo;
- Leigos: adeptos que se denunciam pela sua falta de conhecimento dos rituais habitualmente praticados.

No grupo dos Jovens Adeptos podemos encontrar os:

- Rebentos: adeptos ainda não completamente integrados e também os mais novos de todos;
- Noviços: adeptos um degrau acima dos rebentos, que observam atentamente os adeptos mais velhos;
- Fãs: adeptos que enfeitam o vestuário com as cores da equipa, juntam-se fora do campo muito antes do início da partida e entram no estádio formando um bloco em determinada zona das bancadas;
- Chefes: adeptos que gerem determinados grupos de outros adeptos;
- Rufias: adeptos sempre prontos para defenderem a honra do seu clube contra os rivais; parecem mais perigosos do que na realidade são;
- Duros: adeptos que não exibem as cores do clube, e que se impõem aos restantes pela sua reputação pessoal;
- Perdidos: adeptos que perdem o seu autodomínio e cometem graves actos de violência;

- Bebedores: adeptos mais velhos que costumam beber muito antes do desafio, como forma de manifestação de estatuto;
- Penduras: grupo de pseudofãs que pretendem fazer parte do grupo principal e tentam participar das suas acções, mas que são demasiado estúpidos ou cobardes para serem classificados como membros verdadeiros do bloco;
- Solitários: adeptos que se mantêm à parte da massa dos fãs fanáticos e que assistem aos desafios só para ver o jogo.

Ainda segundo Morris (1981), os adeptos estão organizados de tal forma que constituem uma complexa unidade social com chefia e categorias subtis, cada qual reconhecendo o papel dos outros e considerando que desempenham um papel particular válido. Mais recentemente, Guterman e Gaffney (2002) confirmam isso mesmo. No seu estudo, os autores verificaram que determinados grupos de adeptos possuem uma divisão especializada de trabalho que está de acordo com a hierarquia interna do grupo ou com as habilidades particulares dos indivíduos. O seu funcionamento assemelha-se a uma sociedade civil, com promoções, despromoções, prémios e punições, e com os indivíduos a competir para subir na hierarquia interna do grupo.

Uma outra classificação surge com Pilz (1988). Optando por uma distinção entre diferentes grupos de espectadores, sugere três grupos de espectadores com orientações também elas distintas: orientados para o consumo, centrados no Futebol e orientados para a aventura.

Os adeptos orientados para o consumo inserem-se numa classe social média/alta e não numa classe baixa e vão ao estádio principalmente para assistirem a um bom jogo de futebol. Querem ver a melhor equipa a ganhar e o seu comportamento é orientado pela ética do “fair-play”, aplaudindo também, por isso, a equipa rival caso esta esteja a efectuar um bom desempenho. Nestes espectadores não existe qualquer indício ou forma de violência quer expressiva quer instrumental.

Os espectadores centrados no Futebol, principalmente membros das classes baixas e operária, vão ao estádio para ver a sua equipa favorita ganhar. São, no fundo, aqueles espectadores que tentam ganhar a todo o

custo e humilham sempre que possível o adversário. As suas formas de violência expressiva e instrumental estão equilibradas.

Os espectadores orientados para a aventura, principalmente pertencentes à classe média, não vão propositadamente ao estádio para ver o jogo, mas sim para satisfazer as suas necessidades de suspense, aventura, risco e de experiências emocionais e afectivas. O jogo de futebol e o resultado final não lhes interessa realmente, pois estes são apenas o cenário da sua procura de sensações. Esta classificação, apesar de se tratar de uma classificação válida, parece-nos ser algo redutora na medida em que se baseia demasiado numa estratificação social.

Um ano mais tarde, num estudo levado a cabo por Selosse (1989), que pretendia abordar o tema da violência dos espectadores nos estádios, encontramos uma categorização dos espectadores presentes nos locais de competição. Por entre as justificações para a existência de violência e para o seu contágio nas pessoas presentes nos estádios, e baseando-se na análise de conteúdos provenientes de entrevistas e da observação dos comportamentos dos espectadores, o autor avança com uma tipologia, repartindo os espectadores em quatro grupos:

- Uma minoria agressiva de *excitados* (1 a 2 % dos espectadores);
- Um subgrupo minoritário de *partidários* (5 a 10 %);
- Um grupo de adeptos (30 a 40 %);
- Um grupo maior de para-desportistas (cerca de 50 %).

Neste trabalho, Selosse (1989) apresenta ainda uma descrição dos quatro grupos tendo em conta os seguintes aspectos: as características do estilo de presença nos jogos; as referências normativas durante um jogo e os papéis assumidos durante as manifestações violentas.

No que diz respeito aos estilos de presença nos jogos, para os excitados, o jogo é tido como um pretexto para manter a sua excitação e os incidentes de jogo constituem álibis para que possam descarregar o seu nervosismo. O encontro desportivo dá-lhes uma oportunidade para a provocação de tumultos; os partidários assistem ao jogo com o intuito de presenciarem as suas vedetas alcançarem a vitória. Esperam ver golos e a

equipa adversária perder. O resultado do jogo agudiza a sua tensão; os adeptos apoiam sobretudo a sua equipa e defendem a imagem do seu clube. A sua participação activa acompanha as incidências da competição; os para-desportistas (do grego *para*, ao lado de) têm uma atitude geral muito mais afastada em relação ao resultado. A sua atenção é mais selectiva e prende-se principalmente com a qualidade do espectáculo e o seu valor lúdico (Selosse, 1989).

Quanto às referências normativas durante um jogo, os excitados tendem a incitar os jogadores da equipa local a transgredirem as regras e os adversários a deturpá-las. A sua atitude privilegia as relações de força e só concebem o confronto das duas equipas com esmagamento e reacções hostis; os partidários não hesitam em preconizar e aprovar a deturpação das regras quando tal favorece a supremacia da sua equipa favorita. A equipa visitante deve sujeitar-se ao seu arbítrio; os adeptos têm uma atitude menos parcial, ainda que seja difícil para alguns não defender uma interpretação discriminatória da aplicação do regulamento a favor da sua equipa; os para-desportistas têm um certo ódio às regras e aos valores do jogo, mas são aqueles que mais as referenciam. Estes desaprovam quaisquer desvios que perturbem o seu prazer (Selosse, 1989).

Por último, descrevemos os papéis assumidos pelos grupos durante as manifestações violentas: os excitados apresentam um comportamento muito coesivo. São experientes, aguerridos e preparam a sua participação distribuindo funções entre si e treinando-se entre duas partidas, como que se preparando para um confronto; os partidários estão menos organizados, mas o seu envolvimento em escolhas delituosas faz com que se mobilizem sempre que se trate de enfraquecer o adversário; os adeptos são solidários e formam grupos de comparsas, fraccionados consoante as equipas que apoiam. Os seus comportamentos são essencialmente defensivos; os para-desportistas são os espectadores que se dirigem aos estádios para se descontraírem. São eles que conservam mais liberdade e mais espírito crítico. A sua consistência como grupo é fraca e têm tendência para se isolarem e evitarem as movimentações colectivas.

Como que fazendo um parêntesis no trabalho, parece-nos pertinente familiarizar o leitor com um conceito que está estritamente ligado com as categorizações de adeptos preconizadas pelos autores seguintes: a identificação com a equipa.

Quando presenciamos um evento desportivo podemos notar, se estivermos atentos, que os espectadores presentes exibem variações no seu nível de envolvimento com a competição. Por exemplo, qual de nós não nota a diferença entre o espectador atento e sossegado, que não aplaude nem traz vestido algo que o identifique com a equipa e o espectador atento às oportunidades para insultar os oponentes, abanando efusivamente uma bandeira do seu clube. De uma maneira muito simplificada, tentámos dar um exemplo que traduza o que Wann et al (2001) consideram ser os vários níveis de identificação com a equipa entre os adeptos de desporto.

O termo identificação com a equipa refere-se ao sentimento de um qualquer indivíduo para com uma equipa ou jogador. Assim, quanto mais forte for a conexão psicológica do adepto à equipa, mais identificação com a mesma existe sendo também verdade o inverso (Wann et al, 2001).

Para adeptos altamente identificados, o papel de seguidor da equipa é uma componente central das suas identidades sociais (Tajfel, 1981; Tajfel e Turner, 1979, in Wann e Schrader, 2000), portanto os desempenhos da equipa são relevantes para os seus sentimentos de auto-valor. Para adeptos pouco identificados, o papel de seguidor da equipa é meramente uma componente periférica dos seus auto-conceitos (Crocker e Major, 1989; Harter, 1986, in Wann e Schrader, 2000), portanto os desempenhos da equipa têm pouca consequência para a auto-imagem destes adeptos.

Como o papel de seguidor da equipa é central para a identidade de adeptos altamente identificados, espera-se que estes exibam as reacções mais intensas de acordo com os desempenhos da equipa. Em consonância com esta lógica, alguns investigadores descobriram que, em comparação com adeptos pouco identificados, adeptos altamente identificados exibem reacções emocionais mais intensas, são mais propensos a comportarem-se agressivamente, apresentam uma maior probabilidade de tentar influenciar o

resultado do jogo e apresentam uma maior probabilidade de ficarem ansiosos quando observam a sua equipa a competir (Wann e Schrader, 2000).

Para o presente trabalho, importa ressaltar que o termo identificação com a equipa refere-se ao envolvimento e coexistente conexão psicológica de um espectador para com uma equipa desportiva (Wann, 1997, cit. por Wann e Schrader, 2000) e que esse nível de conexão psicológica pode variar tornando os adeptos altamente identificados com a equipa ou pouco identificados com a equipa (embora esta abordagem seja marcadamente do campo da psicologia do desporto, a sua utilização parece-nos importante, tendo em conta o propósito da sua definição).

Prosseguindo com a preocupação dominante, chegamos a Wann et al (2001). Resumindo o entendimento dos autores acerca da categorização dos espectadores/adeptos, chegámos ao esquema seguinte:

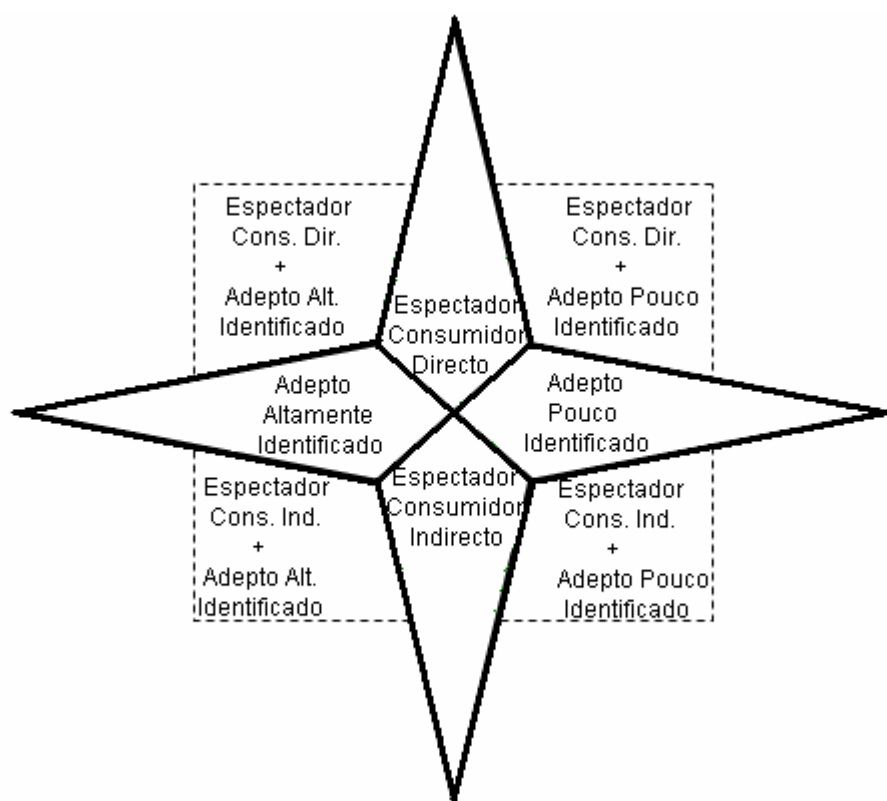


Figura n.º 1: Categorização dos espectadores/adeptos de desporto adaptado do entendimento de Wann et al (2001).

A primeira distinção a fazer será a diferenciação entre *adepto* e *espectador* de desporto (Wann et al, 2001). Os adeptos são indivíduos que

estão interessados e/ou seguem um desporto, uma equipa e/ou atleta. Os espectadores de desporto (também designados por consumidores desportivos) são aqueles indivíduos que presenciam activamente um acontecimento desportivo em pessoa ou através dos media (rádio, televisão, etc.). Estes conceitos não deveriam ser confundidos, pois como alguns adeptos de desporto raramente testemunham eventos desportivos, também alguns espectadores têm pouco interesse em se identificarem com uma equipa ou indivíduo desportivos. Seguindo a mesma matriz explicativa das diferenças entre os dois conceitos de Wann et al (2001) propomos o seguinte exemplo: imagine um empresário que tem uma reunião de negócios num camarote de um estádio de futebol ao mesmo tempo que decorre um jogo. Este indivíduo pode presenciar a partida embora não tenha qualquer interesse nesse mesmo evento. Poderíamos classificar esta pessoa como um espectador, mas nunca como um adepto de Futebol. Consequentemente, para manter a distinção entre “fandom” e “spectating”, Wann et al (2001) conceptualizam adepto de desporto como um termo genérico para descrever indivíduos com um ávido interesse por desporto e espectador de desporto como aquelas pessoas que de facto testemunham um evento. De ressaltar que os dois conceitos anteriores não se excluem mutuamente, podendo a mesma pessoa ser adepta e espectadora.

No seguimento da sua categorização, Wann et al (2001), utilizando o trabalho de Kenyon (1969) e McPherson (1975), separam ainda os espectadores em dois grupos pela maneira do seu consumo: consumidores directos e consumidores indirectos. O consumo directo de desporto implica assistir ao vivo a um evento desportivo. O consumo indirecto de desporto envolve a exposição ao mesmo através de alguma forma de media, nomeadamente a televisão, rádio ou Internet.

De acordo com Kenyon (1969, cit. por Wann et al, 2001), a diferença chave entre consumo indirecto e directo de desporto é que no anterior, o espectador integra o envolvimento desportivo e tem a oportunidade de dar o seu contributo a esse envolvimento. Então, um qualquer indivíduo que assista a um evento desportivo ao vivo é considerado consumidor directo de desporto e qualquer indivíduo que assista a um evento desportivo através dos media, sem

estar presente nesse mesmo evento, é considerado consumidor indirecto de desporto. Segundo uma consulta de Wann et al (2001), esta distinção é importante porque o contexto situacional em que o espectador testemunha um evento pode ter um impacto na sua resposta ao evento. Um exemplo claro seria uma pessoa que assiste pela televisão a um bom jogo de futebol e a uma situação de violência no seio do mesmo, e outra que se encontra a assistir o mesmo jogo ao vivo no meio da situação de violência. Perante esta situação, parece-nos que as opiniões dos consumidores sobre determinado evento podem variar de acordo com o modo como estes o experimentam.

Wann et al (2001) fazem ainda uma outra distinção baseada tanto nos comportamentos directamente observáveis como na indumentária dos adeptos desportivos. Esta distinção tem que ver com os níveis de identificação dos adeptos com uma equipa ou jogador particular. Quanto mais forte for a conexão psicológica do adepto à equipa, mais identificação com a mesma existe e vice-versa. Este nível de conexão psicológica parece ser relativamente estável ao longo do tempo. Para adeptos com um baixo nível de identificação com a equipa, o papel de seguidor da mesma é meramente uma componente periférica do conceito que têm de si próprios. No entanto, para os adeptos com um elevado grau de identificação com a equipa, o papel de seguidor da mesma é a componente central da sua identidade: eles vêem a equipa como uma extensão da sua própria identidade e referem que os sucessos da mesma são os seus sucessos e as derrotas são as suas derrotas.

Por último, Giulianotti (2002), ao apelar a uma nova cultura futebolística, mercê das novas mudanças ocorridas na organização cultural do jogo e na perspectiva não só dos jogadores como dos espectadores e dos comentadores, propõe uma taxinomia de identidade do espectador de Futebol.

Giulianotti (2002) avança com um modelo de quatro identidades de espectadores tipo ideais que podem ser encontradas no mundo do Futebol contemporâneo: apoiante, seguidor, adepto e flâneur. O critério principal para classificar os espectadores está relacionado com o tipo especial de identificação que os espectadores têm em relação a clubes específicos (Giulianotti, 2002).

Como a Figura 2 demonstra, as quatro categorias são suportadas por duas oposições binárias opostas: quente-frio e tradicional-consumidor. Sendo assim, existem quatro quadrantes para classificar os espectadores: tradicional-quente, tradicional-frio, consumidor-quente e consumidor-frio. Os quatro quadrantes representam as categorias tipo ideais, através das quais podemos representar as mudanças históricas e as diferenças culturais vividas por comunidades específicas de espectadores nas suas relações com equipas identificadas (Giulianotti, 2002).

O eixo horizontal tradicional-consumidor mede a base do investimento pessoal numa equipa específica: os espectadores tradicionais terão uma cultura popular, local e de maior identificação com a equipa, enquanto que os adeptos consumidores terão uma relação com o clube centrada no mercado como reflectido no consumo centralizado de produtos do clube.

O eixo vertical quente-frio reflecte as diferentes etapas que a equipa vai ocupando no projecto de auto-formação do indivíduo. As formas quentes de lealdade reforçam tipos intensos de identificação e de solidariedade para com a equipa; as formas frias demonstram o contrário.

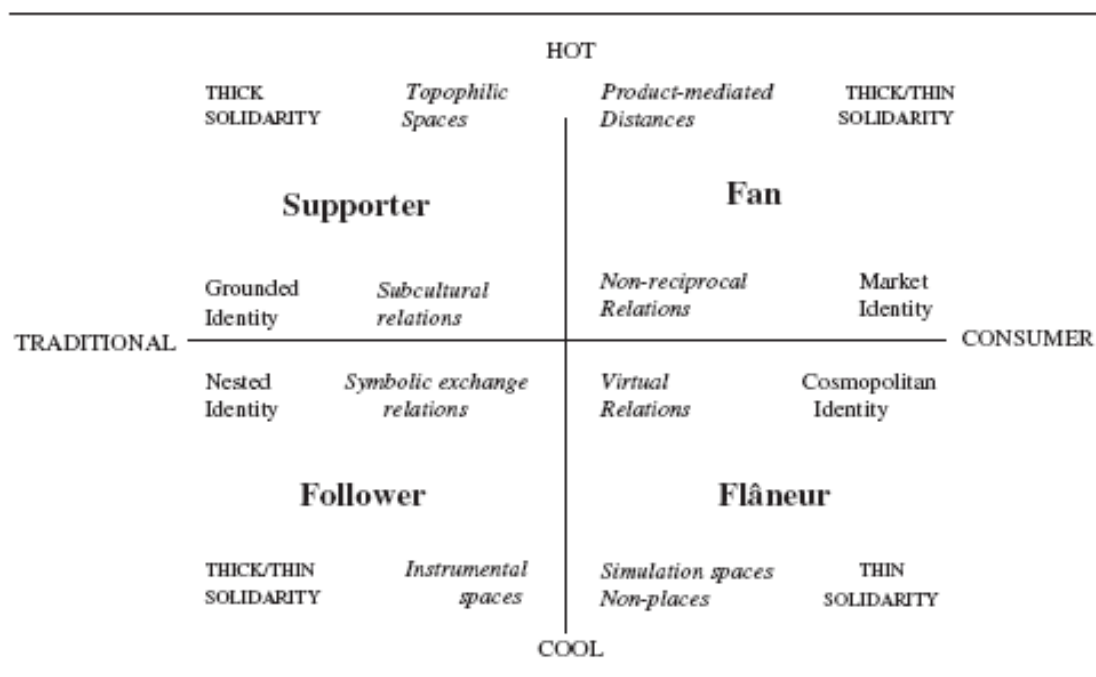


Figura n.º 2: Taxonomia da Identidade do espectador de Futebol (Giulianotti, 2002).

Segundo Giulianotti (2002), o espectador tradicional-quente é definido como um apoiante de um clube de futebol. O apoiante clássico tem uma relação pessoal e um investimento de longo prazo com o clube. Mostrar o apoio ao clube das mais variadas formas é considerado como uma obrigação, dado que o apoiante tem uma relação com o clube tão intensa que se assemelha às relações estreitas com a família e amigos. Assim, renunciar ao apoio ou transferir o mesmo para a equipa rival é impossível. Os apoiantes tradicionais estão culturalmente apegados ao clube. Apresentam, também, vários rituais em redor do dia de jogo que acabam por se tornar uma cerimónia, através da qual os apoiantes se adoram a eles mesmos. O corpo torna-se um veículo chave para comunicar as diferentes formas de solidariedade quente e permanente sentidas pelo clube: as cores vestidas pelos apoiantes e as tatuagens dos símbolos do clube são, entre outros, exemplos concretos.

Para os apoiantes, apoiar o clube é uma preocupação chave do seu ser, tanto que assistir a jogos no estádio do seu clube chega a organizar o seu tempo livre. O apoio ao clube é uma experiência vivida, enraizada numa identidade territorial que se reflecte numa relação afectiva com o terreno que é regularmente revisitado. Mais, o investimento emocional do apoiante na equipa é recíproco de variadas formas. O clube pode retribuir o investimento, ganhando jogos ou troféus.

Os espectadores tradicionais-frios são seguidores das equipas, mas também são seguidores de jogadores, treinadores e outras figuras do Futebol. O seguidor é assim definido não como alguém que segue o itinerário da jornada do clube, mas sim como alguém que se encontra atento aos desenvolvimentos entre as figuras e os clubes de futebol, pelos quais demonstra interesse. O seguidor está implicitamente consciente da existência de uma preocupação prévia e explícita dos sentidos particulares de identidade e comunidade que estão relacionadas com clubes específicos. No entanto, o seguidor chega a essa identificação através de uma forma vicariante de comunicação, através dos frios e electrónicos media. Para os seguidores, os locais de Futebol podem ser meros recursos com poucos significados simbólicos (Giulianotti, 2002).

O espectador quente-consumidor é um adepto moderno de um clube de futebol ou dos seus jogadores, especialmente das suas celebridades. O adepto desenvolve uma forma de intimidade ou amor pelo clube ou pelos seus jogadores, mas este tipo de relação é desordenadamente unidireccional, ou seja, as retribuições por parte do clube ou jogadores não influenciam o tipo de ligação que estabelecem com os mesmos.

O adepto é quente em termos de identificação. O sentido de intimidade é forte e constitui um ponto-chave na sua identidade, sendo, no entanto, uma relação mais distanciada do que a referente aos apoiantes. O adepto experimenta o clube, as suas tradições, os seus jogadores de top, e os seus pares através de um conjunto de relações centradas no mercado. A força de identificação do adepto com o clube e com os seus jogadores é autenticada pelo consumo de produtos relacionados com a equipa ou jogadores (Giulianotti, 2002).

Os adeptos são politicamente passivos, fortes na afeição ao clube e jogadores, provavelmente retirados da casa do clube e especialmente separados do sistema de entretenimento em que os jogadores circulam.

Por fim, Giulianotti (2002) afirma que os adeptos de Futebol se assemelham a adeptos de bandas musicais, actores, e personalidades dos media, através do seu relacionamento unidireccional com essas mesmas personalidades públicas.

O espectador frio-consumidor é um *flâneur* (na língua original, francês, refere-se a um indivíduo que se passeia sem um objectivo preciso) do Futebol. Este último adquire uma identidade pós-moderna de espectador através de um conjunto de relações de mercado dominantes, virtuais e despersonalizadas, particularmente interacções com a Internet ou com a televisão. O *flâneur* do Futebol tende a ser mais homem do que mulher, tem uma maior tendência para ser burguês e, por conseguinte, uma maior tendência para a perseguição de múltiplas experiências de Futebol. Adicionalmente, o *flâneur* adopta um relacionamento desligado de clubes de futebol, até por aqueles que nutrem uma especial admiração. Por último, podemos dizer que o *flâneur* apresenta capital económico, cultural e educacional, que lhe permite inspirar um interesse

cosmopolita na compilação de experiências. Cada vez mais, estas mesmas são recolhidas essencialmente através do aumento da consciência do eu, aumento das formas virtuais de comunicação e a crescente alteração das interações sociais (Giulianotti, 2002).

As quatro categorias de espectadores examinadas foram distinguidas de acordo com as diferentes identidades do Futebol e as distintas relações que têm com o jogo. Giulianotti (2002) diz-nos que em termos de motivo, os apoiantes dão o seu apoio aos clubes porque são obrigados a fazê-lo. Para eles, o clube representa um elemento de identidade pessoal mas também uma representação viva e complexa da sua identidade pública. Os seguidores assumem várias alianças com clubes porque isso os ajuda a sustentar e espalhar as suas razões de participação no Futebol. Esta difusão de alianças é estruturalmente facilitada por uma rede de informações e imagens de Futebol. Os adeptos são motivados a produzir relacionamentos não recíprocos com pessoas que estão distantes, que promovem uma identidade orientada para o consumo. Os *flâneurs* são motivados para a procura de sensações, excitação, mudando o seu interesse entre clubes, jogadores e nações.

Em termos do seu relacionamento com o ambiente material, os adeptos desenvolvem laços emocionais e biográficos com o estádio do clube, que são um emblema cultural chave para a comunidade circundante. De mesma maneira, os seguidores são conhecedores da significância dos símbolos do clube, mas não desenvolvem uma grande relação com o seu estádio. Os adeptos experimentam um relacionamento sócio-espacial distante, em relação aos seus clubes e estrelas preferidos, e o consumo de produtos relacionados com as estrelas podem demonstrar a lealdade dos adeptos, mas as divisões comunicativas prevalecem até em encontros cara a cara. O habitat preferido do *flâneur* está repleto de estimulação audiovisual. Como um cosmopolita móbil, vive numa cosmopolis de consumo e por isso não tem capacidade para se relacionar com um clube ou instituição local (Giulianotti, 2002).

Como podemos verificar, existem autores que, de forma a atingir um melhor entendimento acerca dos espectadores/adeptos, se preocupam com a sua categorização. Independentemente dos objectivos de cada trabalho, todos

estes autores utilizaram um sistema de categorias para entender melhor a diferença entre os diversos tipos de espectadores/adeptos, evitando assim, também eles, incorrer no erro de tratar os respectivos como um grupo homogêneo.

As diferentes perspectivas de categorização exploradas servem de base para a construção do sistema categorial a ser utilizado, no presente trabalho, no âmbito da análise do *corpus* de estudo.

3. Campo Metodológico

Neste ponto, tentaremos elucidar o leitor acerca do processo utilizado para a realização deste estudo, descrevendo o contexto situacional da investigação, o procedimento de recolha de informação, e o processo de análise dos dados.

3.1 Local da Investigação

A problematização que construímos faz recair a nossa atenção naquelas pessoas portuguesas que estão envolvidas no consumo do Futebol, mais particularmente aquelas que estavam presentes em Groningen nos dias de jogo da equipa portuguesa de futebol sub-21 anos no Europeu Holanda 2007. O nosso intento prendia-se tanto na procura das razões que levaram as pessoas portuguesas a Groningen na altura dos jogos da selecção de Portugal sub-21, como na tentativa de categorização dos indivíduos mencionados. Dada a natureza dos objectivos, tornava-se pertinente observar e comunicar com as referidas pessoas envolvidas no contexto onde o evento estava a decorrer. Como o trabalho intensivo com informantes é a abordagem mais bem conhecida para trabalhar com pessoas no terreno (Burgess, 2001) procurámos, então, um terreno que nos permitisse uma participação activa nessa realidade, observando e conversando com os compatriotas que se encontravam na cidade de Groningen (Holanda), no dia da realização dos jogos da selecção portuguesa de sub-21.

A cidade de Groningen é a capital da província de Groningen na Holanda. Com uma população de cerca de 182 mil habitantes e cobrindo uma área perto de 84 km², é a maior cidade no norte da Holanda. Embora esta cidade não seja de grande dimensão, desempenha um papel importante em campos como a música e outras artes, educação, e gestão. Isto acontece porque aqui podemos encontrar a Universidade de Groningen, uma das Universidades mais antigas da Holanda, que conta com uma rica tradição académica que data desde o ano 1614. O grande número de estudantes que

vivem nesta cidade contribui para a diversidade cultural que se pode encontrar, bem como para o divertimento da vida nocturna da cidade. O principal meio de transporte dentro da cidade é a bicicleta (cerca de 50% dos trajectos dentro da cidade são feitos de bicicleta), fazendo com que Groningen seja apelidada de "World Cycling City".

A cidade descrita foi uma das que acolheram a fase final do Europeu de sub-21 de Futebol Holanda 2007, que se realizou na Holanda entre os dias 10 e 23 de Junho de 2007.

O Campeonato da Europa de Sub-21 de Futebol apresenta as selecções Sub-21 das federações filiadas na UEFA. Este campeonato consiste em duas fases distintas: a fase preliminar e a de qualificação. A fase preliminar disputou-se entre Maio e Junho de 2006, consistindo em oito jogos a duas mãos entre as 16 selecções com menor coeficiente. Os oito vencedores dessas partidas juntaram-se às restantes 34 equipas na fase de qualificação, que teve lugar em Agosto e Setembro de 2006. Aí as equipas foram divididas em 14 grupos de três, com um jogo entre cada selecção. A melhor classificada seguiu para o "play-off". Os sete vencedores do "play-off" (com jogos a duas mãos, em Outubro) classificaram-se para a fase final, onde encontraram a anfitriã Holanda, em Junho de 2007. Na fase final, as equipas foram divididas em dois grupos de quatro.

Na fase final, as oito selecções que participaram na fase final foram sorteadas e divididas por dois grupos de quatro equipas. O grupo A compreendia as selecções de Portugal, Holanda, Bélgica e Israel; no grupo B estavam agrupadas as selecções de Itália, Inglaterra, República Checa e Sérvia e Montenegro. A fase de grupos jogou-se no sistema de campeonato (três pontos por vitória, um por empate e zero pela derrota), apurando os quatro semifinalistas. Os vencedores e os segundos classificados de cada grupo defrontaram-se num só jogo, de onde saíram as duas equipas finalistas.

Os jogos da fase de grupos tiveram lugar em diferentes cidades da Holanda, sendo que todos os jogos da equipa sub-21 anos de futebol de Portugal foram efectuados na mesma cidade (Groningen) e no mesmo estádio (Euroborg). O Euroborg, nome do estádio do FC Groningen, tem uma

capacidade de 20 mil lugares. Está localizado a sudoeste da cidade e agrega no seu complexo um casino, um cinema, uma escola, um supermercado e um centro de fitness. Devido às cores verdes e brancas dominantes no estádio (em concordância com as cores do clube), é chamado “Green Cathedral”.

Dado a equipa portuguesa não ter conseguido apurar-se para a fase seguinte da competição, a participação de equipa de Portugal, para efeitos do campeonato da Europa de sub-21 Holanda 2007 propriamente dito, limitou-se aos três jogos da fase de grupos. Por esta razão, a nossa presença para a recolha dos dados também ficou limitada a este período.

3.2 Processo de Recolha de Informação

3.2.1) Revisão da Literatura

Começámos o nosso estudo com uma revisão da literatura que nos demonstrou a parca existência de estudos acerca de eventos relacionados com as fases finais dos campeonatos da Europa de sub-21 de Futebol. Na continuidade da problemática surge o modelo teórico, no qual se procura, de certa forma, tanto interpretar as razões que podem levar as pessoas portuguesas a Groningen na altura dos jogos da selecção de Portugal sub-21, como categorizar esses mesmos indivíduos. A revisão da literatura veio a revelar-se fundamental, pois ajudou-nos a definir o melhor caminho a seguir, bem como a ter uma noção mais clara sobre determinados temas e áreas de estudo.

3.2.2) Observação Participante

Uma vez que o nosso objectivo era aceder às perspectivas de outros seres humanos, vivendo situações e problemas semelhantes (Lessard-Hébert et al, 2005), o modo de recolha dos dados baseou-se numa observação participante.

Ninguém duvida que observar, participando na estrutura da cultura que se estuda como uma maneira de a apreender para elaborar o documento, seja um método científico, uma vez que permite abstrair os factores constantes da

conduta, e compará-los com outras variáveis. Mas tal procedimento é também uma forma de construir o objecto de pesquisa por meio da aculturação progressiva e da endoculturação permanente do investigador, na aprendizagem do conhecimento do grupo que estuda como se fosse membro do grupo em questão (Iturra, 1986). A observação participante efectuada permitiu investir na compreensão de um meio social que, à partida, nos era exterior, proporcionando uma integração nas actividades das pessoas estudadas (Lessard-Hébert et al, 2005).

A observação pode adquirir muitas formas e é, ao mesmo tempo, a mais primitiva e mais moderna técnica de pesquisa (Goode e Hatt, 1981). Exibe sempre, porém, a particularidade de quem observa, apresentando, logicamente, uma perspectiva inerente ao observador. Quer isto dizer que enquanto observador agimos como principal instrumento de pesquisa (Costa, 1986), procurando compreender o mundo social do interior, partilhando a condição humana dos indivíduos observados (Lessard-Hébert et al, 2005), a partir de uma presença prolongada no contexto social em estudo e o contacto directo com as pessoas, as situações e os acontecimentos (Costa, 1986).

O método escolhido (dada a possibilidade que tivemos de nos “disfarçar” para sermos aceites como um membro do grupo estudado) recai num envolvimento directo entre o investigador de campo e o grupo social estudado, dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo (Iturra, 1986). Deste modo, tentámos ser, tal como os outros indivíduos observados, “mais um português em Groningen em busca de algo parecido”, evidenciando padrões semelhantemente desajustados num lugar não familiar, frequentando o maior número possível de locais do contexto social em estudo, presenciando o maior número possível de actividades que nele se passam, conversando com as pessoas que a ele pertencem (Costa, 1986).

Foram realizadas observações nos três dias de jogo da selecção portuguesa de futebol referentes à fase de grupos da fase final do Europeu sub-21 de Futebol. Estes jogos tiveram todos lugar na cidade de Groningen, no estádio da equipa local. Os indivíduos elegidos como informantes privilegiados (Costa, 1986) foram identificados com base em indicadores de nacionalidade,

tal como indumentária com representações de nacionalidade portuguesa ou pelo próprio diálogo mantido na duração do contacto. Ao mesmo tempo, um outro processo de selecção estava activo: a indumentária utilizada pelo investigador, durante a recolha de dados, atraía também ela indivíduos cuja informação foi sujeita a análise.

Por último, é importante referir que, no decorrer do processo de recolha de dados, fomos limitados pelo parco orçamento disponível, o que fez com que, por vezes, fosse impossível partilhar determinadas práticas com membros da unidade social estudada.

3.2.3) Diário de Campo

Durante a estadia em Groningen, nos dias que se seguiram às observações, foi sendo elaborado um diário de campo onde se procurou registar os aspectos mais relevantes das observações efectuadas, ordenando uma série de cognições e de sentimentos, que constantemente se produzem no contacto permanente com a vida social do local (Fernandes, 2003, cit. por Alves, 2004).

A informação registada no diário de campo proveio de notas de memória e notas-resumo feitas no bloco de notas utilizado durante as observações. Estas notas de terreno, depois de desenvolvidas no diário de campo, processam uma construção de sentido (Fernandes, 2003, cit. por Alves, 2004), ordenando, através do fio narrativo, a dispersão de acontecimentos do dia-a-dia (Fernandes, 2003, cit. por Alves, 2004).

O diário de campo revelou-se de extrema utilidade pois o seu conteúdo não oferece apenas factos, mas o significado que estes tiveram para quem os viveu, descritos na sua própria linguagem (Marconi e Lakatos, 1990). O nosso diário de campo encontra-se em anexo (pp.65), para consulta do leitor.

3.3) Processo Analítico

3.3.1) Análise de Conteúdo

Para a concretização do nosso estudo utilizámos a análise de conteúdo, uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais e humanas (Vala, 1986). A nossa escolha incidiu na análise do conteúdo, pois pode ser usada em pesquisas que se reportam a qualquer dos níveis de investigação empírica, com a vantagem de, em muitos casos, funcionar como uma técnica não obstrutiva (Vala, 1986). Permite, ainda, efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas ou sistematizadas, mesmo sobre o material que não foi produzido com o fim de servir a investigação empírica ou, ainda, material não estruturado (Vala, 1986).

A análise de conteúdo pode ser considerada um único instrumento que engloba uma grande disparidade de formas, sendo adaptável a um campo de aplicações muito vasto na área das comunicações (Bardin, 2004), ou seja, apresenta a vantagem de permitir trabalhar sobre a correspondência, entrevistas abertas, textos entre outros, fontes de informação valiosas e que de outra maneira não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, sociologia ou psicologia (Vala, 1986).

Por análise de conteúdo entende-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações com o objectivo de obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, quer sejam quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 2004). De um modo específico tentámos, através de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, obter indicadores que permitam a inferência sobre as razões que levaram as pessoas portuguesas a Groningen na altura dos jogos da selecção de Portugal sub-21, bem como encontrar indicadores que permitam uma categorização dos indivíduos mencionados.

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdo pressupõe as seguintes operações mínimas: a delimitação dos objectivos e definição de um quadro de

referência teórico orientador da pesquisa; constituição de um *corpus*; definição de categorias; definição de unidades de análise; quantificação.

Após termos realizado a delimitação dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa passamos para as outras operações sugeridas por Vala (1986).

i) *Corpus* de estudo

Vala (1986) defende que se o material a analisar for produzido com vista à pesquisa que o analista se propõe realizar, então o *corpus* é constituído pelo material produzido. Sendo este o nosso caso, o *corpus* do estudo, isto é, o conjunto de documentos tidos em consideração para serem submetidos a análise (Bardin, 2004), é constituído pelo diário de campo, realizado durante a estadia no terreno onde foi feita a observação, isto é, na cidade de Groningen, Holanda.

ii) Sistema categorial

A classificação é uma forma de anexar coisas que possuem certas semelhanças, de modo a podermos tratá-las com maior facilidade (Mann, 1975). É uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos (Bardin, 2004). Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros (Bardin, 2004).

As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos, sob um título genérico, agrupando esses elementos em razão dos caracteres comuns dos mesmos (Bardin, 2004). Uma categoria é normalmente composta por um termo-chave que indica a significação central do conceito que se quer apreender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito (Vala, 1986). Bardin (2004) defende que um conjunto de categorias deve possuir as seguintes qualidades:

- A exclusão mútua: as categorias deveriam ser elaboradas de maneira que um elemento não pudesse ter dois ou mais aspectos susceptíveis

de fazerem com que fosse classificado em mais que uma categoria, ou seja, cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;

- A homogeneidade: o princípio de exclusão mútua depende deste factor. Um único princípio de classificação deve governar a sua organização. Num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise;
- A pertinência: uma categoria é considerada pertinente quando se adapta ao material de análise elegido, e quando pertence ao quadro teórico definido;
- A objectividade e a fidelidade: as diferentes partes do mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises;
- A produtividade: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis, tanto em índices de inferências como em hipóteses novas e em dados exactos.

Uma vez construídas, as categorias de análise de conteúdo foram sujeitas a um teste de validade, no qual mais duas pessoas deram consenso à codificação das unidades de registo que realizámos. Procurámos, com isso, assegurar a exaustividade das categorias, garantindo que todas as unidades de análise possam ser colocadas numa das categorias (Vala, 1986).

A construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*, ou ainda através da combinação destes dois processos (Vala, 1986). No nosso caso, recorreremos à combinação dos dois processos pois, enquanto que da revisão da literatura efectuada emergiram algumas categorias, uma outra surgiu da leitura flutuante do *corpus* de análise. O aparecimento de uma categoria *a posteriori* era, de certa forma, provável dada à natureza exploratória do presente trabalho. Para atingir os objectivos a que nos propomos, optámos por um sistema categorial constituído por duas grandes categorias, espectador e razões excitantes, sendo que destas surgem outras sub-categorias que distinguem os objectos passíveis de enquadramento nas grandes categorias. A categoria espectador aparece para tentar classificar os espectadores presentes na fase final do Europeu de sub-21 de Futebol Holanda 2007, enquanto que a

categoria razões excitantes serve para apurar as razões que levaram as pessoas portuguesas a estarem presentes nessa mesma fase final.

Categoria 1) Espectador

Conceito usado por vários autores (Pilz, 1988; Selosse, 1989; Wann et al, 2001) para classificar as pessoas que assistem a espectáculos desportivos. Enquanto Pilz (1988) e Selosse (1989) consideram espectadores as pessoas que assistem ao vivo a determinados eventos desportivos, Wann et al (2001) apresentam um novo entendimento, dividindo os espectadores em dois grupos: espectadores consumidores directos e espectadores consumidores indirectos. A diferença entre os anteriores baseia-se no facto de se assistir a um evento desportivo ao vivo, contribuindo para o próprio espectáculo (espectadores consumidores directos), ou através de qualquer meio dos media (espectadores consumidores indirectos).

Segundo o conceito dos autores, e de modo a servir os objectivos a que nos propomos, no presente trabalho a categoria espectador referir-se-á a pessoas portuguesas, que não estejam a trabalhar, presentes na tribuna de um jogo de futebol da equipa de Portugal sub-21, durante o campeonato da Europa de Futebol Holanda 2007. Segundo Gomez (2004), a tribuna é constituída pelas bancadas dos estádios e por todos os espaços fora do estádio onde, antes ou depois do jogo, as pessoas participam na dinâmica que o jogo cria. As sub-categorias que se seguem derivam do sistema de categorias proposto por Pilz (1988), onde os espectadores se encontram divididos em três categorias segundo a sua orientação, e servem como forma de diferenciação dos espectadores.

Sub-categoria 1.1) Orientado para o consumo

Segundo Pilz (1988), os espectadores orientados para o consumo vão ao estádio principalmente para assistirem a um bom jogo de futebol. Querem ver a melhor equipa a ganhar e o seu comportamento é orientado pela ética do

“fair-play”, aplaudindo também, por isso, a equipa rival caso esta esteja a efectuar um bom desempenho. Selosse (1989) refere-se a este tipo de espectadores como para-desportistas, defendendo que os mesmos se preocupam principalmente com a qualidade do espectáculo e o seu valor lúdico. Para nós, fazem parte dos espectadores orientados para o consumo todos os espectadores que não se importam com os resultados alcançados pela equipa de futebol sub-21 de Portugal, estando mais preocupados com a qualidade dos jogos a que assistem.

Sub-categoria 1.2) Orientado para o Futebol

Os espectadores centrados no Futebol vão ao estádio para ver a sua equipa favorita ganhar. São, no fundo, aqueles espectadores que tentam ganhar a todo o custo. Giulianotti (2002), inserindo este tipo de espectador no grupo dos apoiantes de Futebol, oferece uma descrição da sua identidade, descrição essa que se pode encontrar na revisão bibliográfica realizada. Neste trabalho, consideram-se espectadores orientados para o Futebol todos os espectadores que se importam com os resultados da equipa de futebol sub-21 de Portugal.

Sub-categoria 1.3) Orientado para a aventura

Os espectadores orientados para a aventura, não vão propositadamente ao estádio para ver o jogo, mas sim para satisfazer as suas necessidades de suspense, aventura, risco e de experiências emocionais e afectivas. O jogo de futebol e o resultado final não lhes interessa realmente, pois estes são apenas o cenário da sua procura de sensações (Pilz, 1988). Esta categoria engloba todos os espectadores que não se interessam pela qualidade dos jogos nem pelos resultados alcançados pela equipa de futebol sub-21 de Portugal.

Categoria 2) Razões excitantes

Propósito da deslocação dos espectadores abordados durante a observação. Elementos contidos no evento que excitam (segundo o entendimento de Elias e Dunning (1985)) os portugueses e que justificam a sua presença nesse local. Os propósitos são inferidos a partir de conversas mantidas com os sujeitos analisados, e também com base nas suas acções durante os contactos. Três sub-categorias foram constituídas antes da recolha de dados e uma depois. Da revisão da literatura aparecem as sub-categorias, Festa, Futebol e Portugal, enquanto que da leitura do *corpus* de estudo surge uma última, nomeadamente a família.

Sub-categoria 2.1) Portugal

Refere-se a todos os portugueses presentes na cidade onde a equipa de Portugal efectua o seu jogo por razões relacionadas com o apoio ao seu país natal.

Sub-categoria 2.2) Futebol

Refere-se a todos os portugueses presentes na cidade onde a equipa de Portugal efectua o seu jogo por razões relacionadas com o apoio à equipa de futebol sub-21 de Portugal.

Sub-categoria 2.3) Família

Refere-se a todos os portugueses presentes na cidade onde a equipa de Portugal efectua o seu jogo por razões relacionadas com o acompanhamento e apoio a familiares ou amigos integrados na equipa de futebol de sub-21 de Portugal.

Esta sub-categoria foi criada por necessidade após a leitura do *corpus*. No âmbito da sociologia e da pertinência deste trabalho não nos foi possível

encontrar bibliografia que a sustentasse, porém verificou-se a sua validade durante a observação participante. Pensamos que a sua ausência na literatura se deve ao facto da escassez de estudos feitos no âmbito dos espectadores de Futebol das selecções nacionais sub-21. Sendo a maioria dos estudos realizados durante as fases finais dos campeonatos do Mundo de selecções, seria pouco provável encontrar esta razão referenciada, dado que nesses eventos as famílias dos actores (leia-se, os intérpretes do espectáculo desportivo) parecem encontrar-se separados da maioria das pessoas presentes, ao contrário do que pudemos constatar na nossa observação. Para além disso, dado o número de espectadores presentes nas fases finais dos campeonatos do Mundo ser incomparavelmente maior à afluência que verificámos acontecer neste campeonato de futebol sub-21, será de prever que esta razão seja relativamente menos usual em comparação com outras.

Sub-categoria 2.4) Festa

Refere-se a todos os portugueses presentes na cidade onde a equipa de Portugal efectua o seu jogo por razões relacionadas com a procura de um ambiente festivo.

A realidade parece mostrar que o Futebol traz consigo desde sempre a festa (Costa, 1990). As pessoas sabem-no sem saber, e vão ao seu encontro. Como nos mostra Costa (1987; 1990; 1997) na revisão bibliográfica efectuada, o Futebol pode representar, para determinados espectadores, apenas o criador da situação procurada: a festa que envolve no seu interior uma partida de futebol.

iii) Unidade de análise

A análise de conteúdo contempla a definição de unidades de análise, que podem ser de três tipos: unidade de registo, unidade de contexto, unidade de enumeração (Vala, 1986). No nosso estudo utilizaremos para análise a unidade de contexto, de forma a considerar os personagens envolvidos num contexto específico que ajuda à sua caracterização.

A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões são óptimas para que se possa entender a significação exacta da unidade de registo (Bardin, 2004). A determinação das suas dimensões é influenciada por dois critérios: o custo e a pertinência (Bardin, 2004). Tentaremos apresentar unidades de dimensão óptima, não muito pequenas nem muito grandes, contendo a pertinência global do seu contexto.

Adicionalmente, a análise de conteúdo refere-se também ao modo de contagem das unidades de análise. Sendo a unidade de enumeração a unidade em função da qual se procede à quantificação (Vala, 1986) permite, a título de exemplo, contar a frequência de uma categoria, o tempo de antena dedicado a um dado conteúdo, entre outros (Vala, 1986). Segundo Bardin (2004), é possível optar-se por diversos tipos de enumerações (por presença (ou ausência), frequência, frequência ponderada, direcção, ordem e co-ocorrência). Qualquer eleição de uma regra ou regras de enumeração assenta numa hipótese de correspondência entre a presença, a frequência, a intensidade, a direcção, a associação da manifestação da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a direcção, a associação de variáveis inferidas, não linguísticas, sendo por isso de extrema importância procurar-se a correspondência mais pertinente (Bardin, 2004). Tendo sempre presente que diferentes tipos de unidades podem conduzir a diferentes resultados (Vala, 1986), e contemplando o que foi escrito, decidimos a utilização como regra de enumeração, a regra de presença (ou ausência). Procuramos, deste modo determinar se alguma das categorias se encontra representada ou não no *corpus*.

iv) Análise estrutural

O nosso trabalho baseia-se numa análise estrutural do conteúdo dado que, com esta técnica, nos podemos debruçar sobre o arranjo dos diferentes itens, tentando descobrir as constantes significativas nas suas relações, que organizam estes itens entre si (Bardin, 2004), permitindo desta maneira inferências sobre a organização do sistema de pensamento da fonte (Vala,

1986). Para cada conteúdo estudado espera-se fazer aparecer um sentido suplementar pela clarificação de uma “gramática” que se sobrepõe à gramática conhecida no código (Bardin, 2004). A análise aplica-se numa tentativa de encontrar princípios de organização subjacentes, aos sistemas de relações, aos esquemas directores, às regras de todas as relações que estruturam os elementos de maneira invariante ou independente destes elementos (Bardin, 2004).

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste capítulo realizamos, de forma simultânea, a apresentação e discussão dos resultados obtidos. A decisão de englobar no mesmo capítulo a apresentação dos resultados e a sua respectiva discussão deve-se, essencialmente, ao tipo de dados obtidos para análise. Tendo em conta que o presente estudo tenta responder aos objectivos delineados utilizando, para isso, informação proveniente de um diário de campo, consideramos que esta seria a melhor opção. Neste sentido, será promovida uma apresentação contextualizada com os vários pontos de discussão fundamentais para cada assunto.

Após a análise do nosso *corpus* de estudo, foi verificada a presença (ou ausência) (Bardin, 2004) das unidades de contexto em cada uma das categorias, de modo a determinar se as últimas se encontram representadas ou não no *corpus*.

O processo de discussão vai obedecer a uma lógica determinada à partida, sendo, numa primeira fase, apresentadas e discutidas as categorias e sub-categorias separadamente (mas não isoladamente), seguindo-se uma tentativa de análise mais global onde o que importa são as ligações entre essas mesmas categorias. Tenta-se, neste capítulo, uma discussão dos resultados principalmente à luz do quadro conceptual utilizado como apoio para a construção das categorias, bem como nos conhecimentos que a observação participante nos proporcionou. Deste modo, procura-se uma coerência entre a informação que ajudou à criação das categorias e a informação que obtivemos depois da aplicação do sistema categorial, evitando conclusões desfasadas de origem.

Verificamos, no nosso *corpus* de estudo, a presença de todas as sub-categorias abrangidas pelo nosso sistema categorial, à excepção de uma das sub-categorias que se encontra ausente:

Quadro 1. Presença ou Ausência das Unidades de Contexto nas Categorias e Sub-categorias.

Categorias	Sub-categorias	Presença	Ausência
Espectador	Orientado para o consumo		Ausente
	Orientado para o Futebol	Presente	
	Orientado para a aventura	Presente	
Razões Excitantes	Portugal	Presente	
	Futebol	Presente	
	Família	Presente	
	Festa	Presente	

4.1 Análise das Categorias e respectivas Sub-Categorias

Categoria 1) Espectador

Durante a nossa observação participante foram encontrados vários espectadores. Embora não constituíssem um grupo homogéneo, tinham em comum o facto de estarem presentes num país estrangeiro a representar, quer quisessem quer não, o povo português.

Os espectadores encontrados apresentaram, segundo o sistema categorial proposto, uma orientação para a aventura e uma orientação para o Futebol, sendo que nenhum espectador contactado apresentou uma orientação para o consumo. Podemos então concluir que existem dois tipos de espectadores presentes na fase final do Europeu sub-21 de Futebol Holanda 2007: espectadores orientados para o Futebol e espectadores orientados para a aventura. Relembrando o sistema categorial, isto quer dizer que os espectadores encontrados podem ser divididos em dois grupos: os espectadores que se importavam com a vitória da equipa de futebol sub-21 de Portugal e os espectadores que não se interessavam pela qualidade dos jogos nem pelos resultados alcançados pela equipa de futebol sub-21 de Portugal. As potenciais explicações para estes resultados serão discutidos seguidamente, divididos por sub-categoria.

Sub-categoria 1.1) Orientado para o consumo

Esta categoria tinha por objectivo fazer-nos perceber se, de entre os espectadores, algum se importava acima de tudo com a qualidade de jogo evidenciada pela equipa de futebol nacional. Pilz (1996) e Selosse (1989) defendem que a sua presença se confirma noutros jogos de futebol. Contudo, como já referimos anteriormente, não encontrámos nenhum espectador que se enquadrasse nesta sub-categoria. Através das evidências recolhidas, notámos que a qualidade do jogo era um factor secundário. Os espectadores que mostravam interesse no jogo, pareciam querer mais a vitória, uma afirmação de superioridade perante os “estrangeiros”. Neste evento, a existência de três tipos de espectadores, como defende Pilz (1996), não se confirmou. Parece-nos que ninguém aplaudia a equipa rival por esta estar a efectuar um bom desempenho. Os espectadores presentes pareciam demasiado apoiantes (Giulianotti, 2002) para transferirem o seu apoio. Também nenhum para-desportista foi encontrado, revelando um distanciamento entre a divisão preconizada por Selosse (1989) e os factos com que nos deparámos.

Não defendemos, porém, que seja raro encontrar espectadores orientados para o consumo em eventos diferentes do observado. Antes pelo contrário, parece-nos até muito provável, ainda mais se esses eventos envolverem equipas de renome mundial. Todavia, no nosso estudo, nenhum foi encontrado. Em nosso entender, existe um factor que pode ser responsável por este resultado pode ser a dimensão mediática do evento em si, na medida em que engloba jogadores jovens que se preparam para a equipa “principal”. Perante esta ideia, podemos subentender que, neste evento, estão representadas as equipas “secundárias” dos países participantes, tornando esta competição também ela secundária. Os espectadores orientados para o consumo, procurando qualidade, podem encarar assim uma ideia que os afasta daquilo que procuram, afastando-os, por conseguinte, da presença nestes jogos de futebol “secundários”. Adicionalmente, pensamos que não é de descurar o factor relativo ao capital financeiro. Para quem queria assistir à

qualidade em si, o uso dos media constituía-se como uma opção muito mais económica e portanto muito mais acessível.

Independentemente das hipóteses avançadas serem adequadas ou não, afastados do evento os espectadores orientados para o consumo, restaram representados apenas os espectadores orientados para o Futebol e para a aventura, os que queriam a vitória e os que não se interessavam nem pela qualidade nem pelo resultado da equipa de futebol de Portugal, constituindo-se, assim, dois grupos de espectadores em Groningen.

Sub-categoria 1.2) Orientado para o Futebol

Como seria de esperar, notámos a presença de espectadores orientados para o Futebol, o mesmo quererá dizer que os resultados da equipa de futebol sub-21 de Portugal influenciavam, de facto, um tipo particular de espectadores presentes. Através da revisão da literatura percebemos que nenhum autor preconiza um sistema categorial em que não estejam contemplados os espectadores que querem a vitória para a sua equipa. Por outro lado, não consideram os espectadores que lhe desejam a derrota. Os nossos dados confirmam as suas posições, já que todos os espectadores orientados para o Futebol contactados queriam a vitória e nunca a derrota. Sabemos, através de Wann e Schrader (2000), que os desempenhos das equipas desportivas podem influenciar os sentimentos de auto-valor de alguns adeptos, dependendo do nível de identificação que mantêm para com uma equipa. Tratando-se da equipa representante da sua nacionalidade, é de supor que esse nível de conexão psicológica (Wann et al, 2001) fosse, para este tipo de espectadores, suficiente para fazer deles adeptos identificados com a equipa de futebol sub-21 de Portugal. Deste modo, os resultados alcançados pela equipa nacional repercutiam-se nas suas acções e estados de ânimo, como podemos verificar através do registo seguinte:

“Bocejando de tédio, avisto um grupo de portugueses e aproximo-me esperançado em ter companhia durante a segunda parte: “Então, estão a gostar do jogo?” Olham para mim, de cima abaixo, todos ao mesmo tempo e um deles responde:

“Não”. Dirigem o seu olhar para o jogo e nunca mais os ouvi. Uns a roer as unhas, outros a abanar as pernas, estavam fixados no jogo. Mudos, só quando era canto ou perigo de golo é que se faziam ouvir através de um apoio ténue”. (Diário de campo, pp. 47V)

De acordo com o que defendem Wann et al (2001), os resultados da equipa nacional poderiam representar, para este tipo de espectadores, os seus próprios resultados, as suas próprias derrotas ou vitórias, levando-os a não ficarem indiferentes perante os resultados da equipa com a qual se identificam. Pareciam estar em Groningen para apoiarem a superioridade “futebolística” da sua nação (Santos, 2003) sobre as outras, provando a si próprios que eram melhores.

“Atrás de mim três homens espalhafatosos, saltando e agitando bandeiras, gritavam “Portugal, Portugal”, sem medos nem vergonhas. Era com eles que eu queria ver o jogo. Ao vê-los ir ao bar comprar qualquer coisa pensei que seria um bom sítio para entrar em contacto com eles. O que aconteceu foi precisamente o contrário, mas resultou na mesma. De facto, foram eles que entraram em contacto comigo de forma surpreendente. Um deles, enquanto esperava a sua sandes, vira-se para trás, olha para mim, repara na minha camisola de Portugal e dá-me um abraço repetindo várias vezes “somos os maiores, vamos ganhar”. Fiquei logo contente, deixando-me contagiar pela sua boa disposição. Os outros dois ao nos verem abraçados começam-se a rir e a saltar gritando “Portugal, Portugal”. (Diário de campo, pp.XXX)

A vitória parecia não ser somente encarada como a vitória da equipa, mas representando sentimentos colectivos de toda uma comunidade (Aliaga, 2005), a vitória de todos os espectadores.

Sub-categoria 1.3) Orientado para a aventura

Alguns espectadores poderiam não ser adeptos (Wann et al, 2001) de Futebol, estando presentes não pela qualidade, nem pelo resultado da equipa que apoiam, mas para satisfazer outros propósitos. Pilz (1996) defende que espectadores orientados para a aventura não vão ao estádio para assistir ao

jogo, mas para satisfazer as suas necessidades de suspense, aventura, risco e de experiências emocionais e afectivas. Acreditam, ou melhor sentem, que o podem fazer através de um jogo de futebol, apoiando a opinião de Coelho e Pinheiro (2002), que defendem a capacidade demonstrada pelo Futebol de produção regular de altos níveis de excitação e emoção entre o público, por exemplo, só pelo simples facto de pertencer a uma multidão que se manifesta corporalmente aos acontecimentos que se desenrolam.

Este tipo particular de espectador é, de certo modo, um paradoxo, na medida em que assiste a um jogo de futebol menosprezando a sua qualidade e também o resultado alcançado pela equipa que apoia. Neste evento, verificamos a existência de espectadores orientados para a aventura, reforçando os dados avançados pelos autores consultados.

“A senhora é um regalo para os olhos, Portugal dos pés à cabeça...Tinham vindo “passar um sábado fora de casa”, sendo Groningen o sítio escolhido pelo facto de receber um jogo de Portugal. Não estão muito importados com resultados e Futebol propriamente dito, mas sim contentes por se juntarem a outros portugueses no apoio ao seu país. Enquanto estávamos a ter a nossa pequena conversa, sempre que passava outro português por nós, a senhora exibia os seus símbolos e soltava pequenas frases como “força Portugal” ou “viva Portugal”. Nunca a ouvi pronunciar-se sobre a necessária vitória da nossa equipa de futebol”.
(Diário de campo, pp.XXIX)

Os jogos da equipa portuguesa podem ter servido para satisfazer as necessidades deste tipo de espectador, fazendo com que os mesmos se libertassem das preocupações ordinárias dos seus quotidianos, impulsionando-os em direcção a um modo de existência mais humano e mais autêntico (Costa, 1987), fazendo-os experimentar os excessos a que não estão habituados (Elias e Dunning, 1992).

Categoria 2) Razões excitantes

Esta categoria foi criada partindo do princípio que o evento observado se constitui como actividade mimética, ou seja uma actividade de tempo livre

que compreende o carácter de lazer, quer se participe nela como actor ou como espectador, desde que não se participe na mesma como forma de trabalho (Elias e Dunning, 1992). Por diferentes razões, os espectadores procuraram esta actividade de modo a satisfazer as suas necessidades de excitação, equilibrando a sua ausência no restante tempo de que dispõem.

De acordo com as informações recolhidas, podemos verificar a presença de todas as razões propostas para a deslocação dos espectadores a Groningen para assistirem aos jogos de futebol da equipa sub-21 de Portugal. Em todos os contactos mantidos com os espectadores durante a observação, tivemos também a oportunidade de verificar a não existência de outras razões justificadoras para as suas presenças nesta fase final. Isto faz-nos concluir que, no âmbito do nosso estudo, as principais razões de deslocação dos espectadores se enquadram nas quatro esferas categoriais adiantadas, nomeadamente Família, Festa, Futebol e Portugal.

Tal como a primeira categoria apresentada, a discussão dos resultados obtidos será realizada de seguida, dividida por sub-categorias

Sub-categoria 2.1) Portugal

Englobando os espectadores que estiveram presentes principalmente por razões relacionadas com o apoio ao seu país natal, distingue-se da sub-categoria Futebol pelo seu alvo de apoio. Tratando-se de um evento de confrontos entre nações, esta sub-categoria era quase uma certeza. Portugal era neste torneio alvo de apoio e orgulho constante, como mostra o excerto seguinte:

“As equipas entram no relvado e alinham-se para o hino nacional. Os rapazes que me acompanham param com a festa e levantam-se muito sérios para ouvir e cantar o hino nacional português. Transmitiam uma sensação de orgulho em ser portugueses... Ao mesmo tempo vejo os poucos espectadores de Portugal espalhados pelo estádio a agitarem as bandeiras”. (Diário de campo, pp.XXXII)

De acordo com estas evidências, somos conduzidos a pensar que parte dos espectadores parece ter vindo celebrar Portugal, “mascarado” (Caillois, 1990) de equipa de futebol. Esta equipa, representando sentimentos colectivos (Aliaga, 2005) de uma comunidade imaginada (Anderson, 1993, cit. por Aliaga, 2005), pode transmitir uma imagem de características únicas de uma nação, onde os espectadores se revêem a eles próprios.

Através do apoio incondicional à equipa de futebol sub-21 de Portugal, os espectadores parecem mostrar o apoio incondicional ao seu país, na medida em que materializam num corpo, ou neste caso num conjunto de corpos, o que é ser português (Santos, 2003). Assim, não é a equipa de futebol o seu alvo de apoio mas o que a mesma representa, a nação. Determinados espectadores contactados, pareciam ter esta ideia bem presente, não se importando com nada mais que não fosse o apoio ao seu país, ignorando a própria equipa de futebol que o espelhava. Por outro lado, também havia aqueles que ligavam o desempenho da equipa de futebol à imagem do seu país e a eles próprios, levando-os a manifestarem-se em uníssono com o que a equipa alcançava.

“Quando já estávamos a sentir o jogo de uma forma positiva, eis que no ecrã gigante do estádio aparece a pior notícia do mundo: Bélgica 1 – 0 Holanda... As esperanças abandonam-nos e a tragédia afecta-nos ao ponto de ficarmos um bom par de minutos a olhar o jogo sem nada dizer uns aos outros. Excepto o desinibido: este parecia não afectado pela notícia ou, pelo menos, não queria mostrar que estava. Continua a apoiar o seu país com todas as forças que tem. Para piorar as coisas o outro senhor estendia agora os seus insultos aos belgas e holandeses”. (Diário de campo, pp.XXXII)

Para os espectadores excitados (Elias e Dunning, 1992) por Portugal, o Futebol pode ser visto como uma certeza: a certeza de que se vai encontrar um outro de um mesmo (Fernandes, 1999), no apoio ao indivíduo colectivo que os representa, numa celebração (Costa, 1987) composta por vários rituais em redor do dia de jogo, que acabam por se tornar uma cerimónia, através da qual os espectadores se adoram a si mesmos (Giulianotti, 2002).

Sub-categoria 2.2) Futebol

Como o próprio nome indica, nesta sub-categoria o alvo de apoio é a equipa de futebol de Portugal. Não queremos com isto dizer que os espectadores cativados pelo Futebol não apoiassem Portugal, antes pelo contrário, parece-nos que estas sub-categorias se confundem. No entanto, os espectadores que pertencem a esta sub-categoria pareciam estar a apoiar uma expressão cultural bem definida de Portugal: o seu Futebol. Ao contrário da sub-categoria anterior, em que os espectadores celebravam Portugal, nesta celebra-se o Futebol praticado pela equipa de Portugal.

O Futebol foi, como não poderia deixar de ser, uma das razões que cativou espectadores. Este parece actuar como maestro imparcial do evento, “ordenando” os tempos de levantar, sentar, correr, saltar, abraçar, beijar, cantar, falar, rezar, festejar, chorar, esperar, desesperar, emocionar, beber, nunca julgando os espectadores pelas suas acções ou aparências. Este jogo parece proporcionar, sem complexos perante outros indivíduos, uma liberdade de poder ser, inacessível noutros espectáculos.

Os jogos em si, ao produzirem regularmente altos níveis de excitação e emoção entre o público (Coelho e Pinheiro, 2002), pareciam viciar os espectadores, proporcionando um esquecimento momentâneo de tudo o resto.

“Tenho por vezes de me chamar à atenção de que o meu trabalho não é ver o jogo. Por vezes dou comigo a observar atentamente a partida ignorando tudo o resto. Nem barulho ouço. E assim, lutando contra mim mesmo, fui observando grupos de símbolos de Portugal. De longe é impossível distinguir se são portugueses ou não, mas é provável que sejam. São grupos de poucos elementos que chamam a atenção pelas suas roupas. Não se encontram muito eufóricos e também não se levantam muito para apoiar Portugal. Permanecem sentados, de olhos...pénalti roubado para a Holanda. Golo da Holanda, 1-0, já estamos a ser roubados e a perder. Se se mantiver este resultado estamos quase fora do europeu. Trinta mil palavras correm na minha cabeça embevecidos com sentimentos de raiva e frustração por nada poder fazer... postos no jogo. A maior catástrofe poderia acontecer mesmo ao lado que ninguém tiraria os olhos do jogo”.
(Diário de campo, pp.XXIII)

Na opinião de Coelho e Pinheiro (2002), a simplicidade e pouca mudança das regras do jogo ao longo dos anos ajudaram à compreensão e difusão do Futebol, tornando-o inequivocamente um fenómeno de elevada magnitude no quadro da cultura desportiva contemporânea (Garganta e Pinto, 1995). Os espectadores parecem ter, por isso, um entendimento geral do jogo que lhes permite interpretá-lo à sua maneira. Sabem se foi um bom gesto técnico ou não, se é de difícil execução ou não, sabem o que é falta ou não é, apreciam o desarme, o passe, a finta, o golo. As pessoas parecem gostar de entender o que se passa e ter uma opinião sobre isso, e usam portanto o Futebol como veículo de perspectivas. Parecem também ficar seduzidas ao visualizarem o desempenho dos jogadores ao vivo, ao manifestarem-se em sintonia com tudo o que o Futebol comporta à sua volta, ao integrarem o envolvimento desportivo (Kenyon, 1969, cit. por Wann et al, 2001) tornando-se, eles próprios, em actores de um espectáculo.

Em jeito de resumo parece-nos certo dizer que mais do que ver o jogo, determinados espectadores pareciam querer sentir o Futebol em Groningen.

Sub-categoria 2.3) Família

Proposta após a leitura flutuante efectuada ao diário de campo, revelou-se uma das razões de presença de espectadores. De facto, foram encontrados espectadores que apresentaram como razão preponderante para a sua presença o acompanhamento e apoio aos familiares, vindo até Groningen com o intuito de trabalhar no âmbito do torneio. Foi, para nós, uma situação inesperada, mas verificada.

“Paro junto à porta de saída do estádio, destinada exclusivamente a membros das equipas nacionais, onde também se encontravam as camionetas de Portugal e Bélgica prontas para a sua recepção. Em seu redor encontram-se espectadores especiais: familiares e amigos dos jogadores, pessoas com idades variadas e de ambos os géneros, todos apresentam símbolos portugueses. Estão lá principalmente pelas ligações afectivas que têm com os jogadores e não por paixão nacionalista. Dispunham-se em grupos distintos não mantendo qualquer contacto aparente com os restantes espectadores, tanto portugueses como

belgas. Esperam simplesmente pelo membro da família e falam com ele quando este chega. Não falam do jogo, optando apenas por assuntos triviais ou de família. As conversas duram pouco tempo uma vez que quando todos os jogadores entram na camioneta esta arranca... e logo de seguida bate contra um poste de luz mesmo ao lado”. (Diário de campo, pp.XVI)

A presença desta razão excitante parece-nos ser um dos resultados que mais pertinência traz ao nosso trabalho, na medida em que não aparece referenciada na bibliografia encontrada. Nota-se uma insuficiência na literatura no que lhe diz respeito, levando-nos a pensar que mais deveria ser investigado acerca das razões que mobilizam as pessoas a eventos deste género.

Compreendemos melhor esta razão quando percebemos que para a maioria dos adultos, o tempo livre mais importante é aquele que se passa com outros membros familiares (Kelly, 1995). Segundo este autor, a interacção familiar é muito valorizada pelas pessoas, tendendo estas para a preferência por causa da antecipação de satisfação positiva. Em analogia com o nosso caso particular, os espectadores que encaixam nesta categoria podem valorizar tanto a interacção familiar que não perderam a oportunidade de passar tempo livre relacional (Kelly, 1995) com os membros familiares que integravam a equipa de futebol de sub-21 de Portugal.

No nosso entendimento, a família é uma razão determinada por factores em grande parte alheios, estando somente ao alcance de um grupo muito restrito de pessoas, o que torna difícil a sua detecção. Não são muitos os indivíduos que apresentam relações de amizade ou familiares com outros indivíduos que integram uma equipa representante de uma nação. Neste evento, talvez porque não tenha existido uma grande afluência de espectadores aos jogos observados, ficaram-nos acessíveis.

O privilégio concedido a essas pessoas, e aproveitado pelas mesmas, é o de poder apoiar um familiar ou amigo em tempo real e sagrado (Costa, 1987), representando uma nação que eles próprios imaginam e constroem (Anderson, 1993, cit. por Aliaga, 2005). Não nos parece que seja a actividade em si que excita (nos termos de Elias e Dunning, 1992) estes espectadores, mas o significado que ela incorpora quando representada por um ente alvo de uma

relação pessoal e um investimento de longo prazo (Giulianotti, 2002). Assim, tal como um apoiante de um clube de futebol (Giulianotti, 2002), estes espectadores parecem sentir a obrigação de apoiar os seus familiares e amigos neste evento, sendo-lhes impossível renunciar ou transferir esse apoio para os rivais da equipa que eles representam.

Sub-categoria 2.4) Festa

Nesta sub-categoria, o Futebol representa apenas o criador da situação procurada. A festa, criada em seu redor, é compreendida como uma razão excitante, encontrando-se esta ligada ao Futebol desde as suas origens (Costa, 1990).

“Vou até ao bar do exterior do estádio onde encontro mais espectadores portugueses. À porta quatro homens nos seus quarenta bebiam cerveja e falavam alto. Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão. Tinham vindo até cá por motivos diferentes. Dois porque adoravam Futebol e Portugal, enquanto os outros dois nem sabiam o nome dos jogadores, só queriam festa”.
(Diário de campo, pp.XIV)

“O que me atrai, antes de mais nada, no Futebol, é a festa” (Pires, 1984, cit. por Costa, 1990 p.10). Como podemos verificar, através do excerto anterior, o que pensa Pires pode ser alargado a um espectro de espectadores que esteve presente em Groningen. Procuravam a festa, a possibilidade de desinibição tolerada pelas pessoas que os rodeiam. O Futebol em Groningen criava condições invejáveis de liberdade aceite, que se transformava em festa: as pessoas cantavam nas ruas criando alegria e não repressão por “perturbação da paz”; vagueava-se (às vezes cambaleava-se) empunhando bebidas alcoólicas com a compreensão de todos; mantinham-se conversas desafiantes com as pessoas que passavam por perto; só para enumerar algumas entre muitas condições que deixamos para imaginação alheia.

As condições anteriores, juntamente com a capacidade que o Futebol tem de atrair pessoas, parecem elevar a festa, transformando a festa do Futebol num fim em si mesmo, numa razão excitante, com o poder de liberar o Homem das preocupações ordinárias do seu quotidiano (Costa, 1987).

“Via laranja por todo o lado; espectadores cantando e desfilando as roupas variadas e divertidas metem-se comigo dizendo que Portugal vai perder... Contente, compro o bilhete e entro imediatamente no estádio pois não queria perder a festa que se fazia ouvir cá fora. O estádio está cheio e o frenesim faz-se sentir. Cheira a jogo” (Diário de campo, pp.XXII)

A ideia de festa associa-se ao Futebol (Costa, 1987), permitindo assim um pensamento condicionado como o que transcrevemos anteriormente: “cheirava” a jogo só pelo simples facto da festa se ouvir cá fora. Inversamente, pode admitir-se a hipótese de pensar no Futebol como portador de uma festa com características singulares, a qual se constitui como objectivo de experiência de vida (Costa, 1987) dos espectadores.

Muito resumidamente, podemos dizer que a nossa observação confirmou as afirmações de Costa (1987;1990;1997) sobre o Futebol e a festa. No evento em questão, pensamos que os espectadores tiveram direito a uma alegria fugaz, uma ofegante epidemia que se chamava festa do Futebol.

3) Relacionamento entre Categorias e Sub-categorias

À nossa chegada tudo era diferente, desafiador. Um lugar estranho, onde as bicicletas circulavam no lugar dos carros, por entre ruas preenchidas de prédios baixos. No centro, uma praça de igreja é o ponto de referência da cidade, um dos locais da tribuna, para utilizar a expressão de Gomez (2004). À parte as imediações do estádio, aqui concentrava-se uma grande fracção dos espectadores.

Lugar de excitação (Elias e Dunning, 1992) permanente durante os dias de jogo, misturava espectadores e nativos numa amigável rivalidade. O confronto, esse, por vezes tomava proporções desmedidas, fazendo aparecer

os comportamentos “normalmente desapropriados”, aceites e encorajados durante o tempo que antecede os jogos de futebol. Assistia-se, assim, aos desfiles de símbolos, às canções partilhadas, aos prognósticos e diagnósticos “futeboleros”, acompanhados de qualquer coisa para beber, à troca de curiosidades acerca dos diferentes países. As pessoas, quanto mais identificadas com a equipa (Wann et al, 2001) mais exuberantes nas reacções. O contágio propagado por estes era inevitável e, juntamente com a “música” do local, acontecia a festa.

Cheia de cores, sons e disputas descerra os caminhos do tempo sagrado, permitindo viver (Costa, 1987). Não causam admiração, os espectadores presentes por ela, os “aproveitadores da bola” que retiram a sua excitação de um produto futebolístico.

Na folia adequada parecia não haver espaço para o acordo, sempre prontos, os espectadores, a defender a equipa preferida. Era de vitória que se falava. Não parecia importar o processo, mas mais o produto, a representação de supremacia nacional evidenciada pelo indivíduo colectivo (Santos, 2003) português.

Nas proximidades da catedral moderna (Costa, 1997), a procissão dos adeptos tribais (Morris, 1981) gera o ambiente (in)esperado. E tudo era novo, excitante (Elias e Dunning, 1992), começando a competição antes do próprio jogo. Era vê-los a serem eles, uns a festejar a equipa da nação e outros a nação. Em conjunto não se distinguem, são só os outros da mesma comunidade imaginada (Anderson, 1993, cit. por Aliaga, 2005). Separados, notam-se os adeptos (Wann et al, 2001) dos patriotas, os que discutem a equipa dos que celebram Portugal.

Ao entrar no estádio o tempo interrompe, só parece importar a transcendência (Costa, 1987). As mensagens de apoio, os gestos não contidos, as vozes desafinadas, o agitar das vestes e cachecóis, as equipas prontas para o confronto, o hino, tudo discursos (Coelho, 2001) que fazem incutir o que é ser português no espectador e vice-versa. Muitos deles, talvez esquecidos pela distância, parecem gostar, tanto que gritam e continuam a

cantar, alastrando o interior do estádio ao exterior imediato. Outros manifestam-se pela calma visível, esperando o início do jogo.

E o drama (Coelho, 2001; Costa, 1987) começa, mais autêntico do que o teatro (Costa, 1990), construindo-se à medida que o tempo passa. O espectáculo é estimulante (Coelho e Pinheiro, 2002), e com as suas fintas, golos, duelos, defesas, ataques e contra-ataques coordena as sensações e acções dos espectadores. Provavelmente diversos nas identidades (Giulianotti, 2002), todos partilham um momento de Futebol, ao mesmo tempo que emprestam o seu contributo ao evento. No final, para alguns os sentimentos extremos (Elias e Dunning, 1992), para outros a indiferença.

Do estádio, uns saem pobres e outros ricos, enquanto outros esperam para confortar um familiar ou amigo que acabara de se mascarar (Caillois, 1990) com a própria imagem do seu país. Os apoios não continuam por muito tempo e a noite abate-se, trazendo o frio e a dispersão dos espectadores. Todos retornam ao ordinário, mais construídos com um pouco de vida (Costa, 1990).

5. Conclusões

5.1 Considerações Finais

Embora possa parecer, não pretendemos com este trabalho dar certezas para factos que se puderam verificar. Temos em consciência que a abordagem que escolhemos foi acertada relativamente àquilo que pretendíamos transmitir, mas inúmeras outras poderiam também estar correctas relativamente ao entendimento que cada um tem e à abordagem que pretende.

Ao longo deste estudo procurámos saber porque é que as pessoas portuguesas procuraram a fase final do campeonato de futebol da Europa de sub-21 Holanda 2007 como actividade a realizar, e tentámos perceber quais os tipos de espectadores que procuraram essa mesma actividade.

Chegados ao final deste estudo, e após a realização de uma análise do conteúdo ao diário de campo, acreditamos estar em condições de retirar as seguintes conclusões:

- Confirmaram-se presentes todas as razões excitantes propostas, nomeadamente a festa, a família, o Futebol e Portugal;
- Os resultados obtidos permitem confirmar a presença de espectadores orientados para o Futebol e de espectadores orientados para a aventura, e a ausência de espectadores orientados para o consumo no evento observado.

As conclusões anteriores mostram que os espectadores observados em Groningen escolheram estar presentes no campeonato da Europa de sub-21, por razões relacionadas com o Futebol, a festa, Portugal e a família, e que esses mesmos espectadores presentes constituíam dois grupos de espectadores distintos, um orientado para o futebol e outro orientado para a aventura.

5.2 Limitações e Sugestões

Podemos dizer honestamente que, ao longo do trabalho, foram surgindo algumas dificuldades, umas mais difíceis de ultrapassar do que outras. Em primeiro lugar, mencionámos o limitado orçamento monetário à disposição para a realização da observação participante. Em segundo lugar, temos em consciência que a nossa falta de experiência em estudos deste género pode ter condicionado o nosso trabalho. Por último, outra das limitações encontradas diz respeito à escassa literatura existente, no âmbito da Sociologia, sobre alguns dos temas por nós abordados, nomeadamente ao nível de estudos acerca das fases finais dos europeus de sub-21 de futebol.

Sabemos que algumas perguntas colocadas no decorrer do nosso estudo não foram totalmente resolvidas. Com efeito, julgamos que podem ser realizados futuros trabalhos semelhantes ao nosso, no âmbito das fases finais dos europeus de sub-21 de futebol, que poderão contribuir para o entendimento dessas mesmas perguntas, ao mesmo tempo que preenchem a lacuna existente na literatura.

Para finalizar, sugerimos a realização de estudos, com objectivos semelhantes, em eventos desportivos diferentes daquele que observámos, tanto na modalidade de Futebol como nas outras modalidades desportivas, de modo a ser possível comparar as diferenças e semelhanças encontradas.

6. Bibliografia

- ALIAGA, M. (2005). Fútbol e Identidad en Bolivia. *EF y Deportes*, 10 (84). Consult. 13 Out 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd84/boliv.htm>.
- ALVES, M. (2004). *A Actividade Física na Construção de Sentidos para o Tempo de Reforma*. Porto: M. Alves. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- BARDIN, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- CAILLOIS, R. (1990). *Os Jogos e os Homens: A máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia.
- COELHO, J. (2001). *Portugal a equipa de todos nós: Nacionalismo, Futebol e Média. A reprodução da nação nos jornais desportivos*. Porto: Edições Afrontamento.
- COELHO, J., e PINHEIRO, F. (2002). *A paixão do povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- COSTA, A. (1986). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In A. Silva e J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp.129-148.
- COSTA, A. (1987). *Football et Mythe: La fonction symbolique du football à travers la presse sportive de masse*. Louvain: A. Costa. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculté des Sciences Economiques Sociales et Politiques da Université Catholique de Louvain.
- COSTA, A. (1990). *Futebol: a grande festa dos tempos modernos*. Oeiras: Câmara Municipal.

- COSTA, A. (1997). *À volta do estádio: o desporto, o homem e a sociedade*. Porto: Campo de Letras.
- DIMMOCK, J., e GROVE, J. (2006). Identification with sport teams as a function of the search for certainty. *Journal of Sports Sciences*, 24 (11), 1203-1211.
- ELIAS, N., e DUNNING, E. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- ELIAS, N., e DUNNING, E. (1994). *Sport et Civilisation: la violence maîtrisée*. Paris: Fayard.
- FERNANDES, A. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Porto: Campo de Letras.
- FOSTER, W., e HYATT, C. (2007). I Despise Them! I Detest Them! Franchise Relocation and the Expanded Model of Organizational Identification. *Journal of Sport Management*, 21, 194-212.
- GARGANTA, J., e PINTO, J. (1995). O Ensino do Futebol. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, pp.95-135.
- GIULIANOTTI, R. (1997). Football *media* in the UK: A cultural studies perspective. *EF y Deportes*, 2 (6). Consult. 17 Out 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd6/rgi1.htm>.
- GIULIANOTTI, R. (2002). Supporters, Followers, Fans and Flaneurs: A Taxonomy of Spectators Identities in Football. *Journal of Sport and Social Issues*, 26 (1), 25-46.

- GOMEZ, J. (2004). La Tribuna como otro terreno de juego. *EF y Deportes*, 10 (69). Consult. 20 Out 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd69/tribuna.htm>.
- GOODE, W., e HATT, P. (1981). *Methods in Social Research*. Auckland: McGraw-Hill.
- GUTERMAN, T., e GAFFNEY, C. (2002). Boca and River. Love, death and adventure in the City of Football. *EF y Deportes*, 8 (47). Consult. 17 Set 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd47/byre.htm>.
- ITURRA, R. (1986). Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia. In A. Silva e J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp.149-159.
- KELLY, J. (1995). Leisure and the Family. In C. Critcher, P. Bramham e A. Tomlinson (Eds.), *Sociology of leisure: a reader*. London: E & FN Spon, pp.44-54.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G., e BOUTIN, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (2ª ed.). Lisboa: Stória Editores.
- LOPES, J. (2003). *Comportamentos antidesportivos nos escalões inferiores do futebol português*. Covilhã: J. Lopes. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Beira Interior – Departamento de Ciências do Desporto.
- MANN, P. (1975). *Métodos de Investigação Sociológica* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MARCONI, M., e LAKATOS, E. (1990). *Técnicas de Pesquisa* (2ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.

- MORRIS, D. (1981). *A Tribo do Futebol*. Mem Martins: Europa América.
- NEGREIROS, P. (1998). Fútbol e Identidad Nacional: el caso de la Copa de 1938. *EF y Deportes*, 3 (10). Consult. 10 Out 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd10/copa38e.htm>.
- PILZ, G. (1988). Book Review. *International Review for the Sociology of Sport*, 23 (2), 167-169.
- PILZ, G. (1996). Social Factors Influencing Sport and Violence: On the "Problem" of Football Hooliganism in Germany. *International Review for the Sociology of Sport*, 31 (1), 49-68.
- SANTOS, A. (2003). Desporto, Nação e Identidade Nacional. In A. Cunha (Ed.), *O Desporto para além do óbvio*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, pp.23-33.
- SELLOSSE, J. (1989). *A Violência dos Espectadores nos Estádios: Processo, estrutura e efeitos de contágio*. Lisboa: Ministério da Educação/DGD.
- THRANE, C. (2001). Sport Spectatorship in Scandinavia: A class Phenomenon? *International Review for the Sociology of Sport*, 36 (2), 149-163.
- VALA, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In A. Silva e J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp.101-126.
- WANN, D., e BRASCOMBE, N. (1993). Sport Fans: Measuring degree of Identification with the Team. *International Journal of Sport Psychology*, 24, 1-17.

WANN, D. (1995). Preliminary validation of the Sport Fan Motivation Scale. *Journal of Sport and Social Issues*, 19, 377-396.

WANN, D., e SCHRADER, M. (1997). Team Identification and the enjoyment of watching a sporting event. *Perceptual and Motor Skills*, 84, 954.

WANN, D., e SCHRADER, M. (2000). Controllability and Stability in the Self-Serving Attributions of Sport Spectators. *Journal of Social Psychology*, 140 (2), 160-168.

WANN, D., MELNICK, M., RUSSELL, G., e PEASE, D. (2001). *Sports Fans: The Psychology and Social Impact of spectators*. New York: Routledge.

7. Anexos

Anexo I – Codificação das Unidades de Contexto

Categoria 1) Espectador

Sub-categoria 1.1) Orientado para o consumo

Sub-categoria 1.2) Orientado para o futebol

Sub-categoria 1.3) Orientado para a aventura

10/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Bélgica		
Espectador		
Orientado p/ consumo	Orientado p/ futebol	Orientado p/ aventura
	“Vem de Eindhoven, cidade onde trabalha há 6 anos. Acompanha a selecção e sempre que pode vai ver os jogos. Sabe tudo sobre o futebol português, estando coberto de vestimentas de Portugal dos pés a cabeça” “Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão... Dois porque adoravam futebol e Portugal” “Uma salva de palmas e as equipas entram. Uma dúzia de espectadores na bancada oposta agita as bandeiras e grita por Portugal. Os restantes que vejo levantam-se” [os espectadores] “Dirigem o seu olhar para o jogo e nunca mais os ouvi. Uns a roer as unhas, outros a abanar as pernas, estavam fixados no jogo. Mudos, só quando era canto ou perigo de golo é que se faziam ouvir através de um apoio ténue”	“Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão... nem sabiam o nome dos jogadores, só queriam festa” “familiares e amigos dos jogadores, pessoas com idades variadas e de ambos os géneros, todos apresentam símbolos portugueses. Estão lá principalmente pelas ligações afectivas que têm com os jogadores”

13/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Holanda		
Espectador		
Orientado p/ consumo	Orientado p/ futebol	Orientado p/ aventura
	“Os outros membros do grupo, embora não dispensassem muita atenção ao futebol, só queriam mesmo é que Portugal ganhasse” “Aproximo-me deles para tentar falar um pouco e lá consigo arrancar algumas palavras de um rapaz que me diz estar muito triste pelo resultado mas que também acha que Portugal não jogou tão bem quanto podia”	“Uma rapariga do grupo, inocentemente no meio da cavaqueira, afirma que está ali não para ver Portugal jogar mas sim para ver o Cristiano Ronaldo ao vivo”

16/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Israel		
Espectador		
Orientado p/ consumo	Orientado p/ futebol	Orientado p/ aventura
	“O senhor é mais discreto: roupas casuais, cachecol de Portugal e boné do Benfica... fala pouco, sendo visivelmente mais tímido que a sua companheira. Solta uns sorrisos escondidos e fala do mau desempenho da equipa nos jogos anteriores, culpando também os árbitros pela derrota de Portugal contra a equipa da casa” “Todos rapazes... Aproveitando o facto de o dia seguinte ser de descanso vieram até cá para ver o jogo... Sabem o nome de todos os jogadores e mostram estar bem informados sobre cada um deles. Todos tinham um cachecol de Portugal à volta da cinta, por cima das roupas molhadas” “Ambos têm vestido uma camisola de Portugal antiga, uma com o nome de João Pinto e outra Rui Costa. Eram, claro está, do Benfica e acompanhavam o futebol português pela televisão sempre que podiam. Também eles aproveitaram o fim-de-semana para se deslocarem até cá para ver ao vivo a selecção, algo “que não podem fazer todos os dias” “Atrás de mim três homens espalhafatosos, saltando e agitando bandeiras, gritavam “Portugal, Portugal”... Um deles, enquanto esperava a sua sandes, vira-se para trás, olha para mim, repara na minha camisola de Portugal e dá-me um abraço repetindo várias vezes “somos os maiores, vamos ganhar” “Um deles, o mais desinibido, pega na bandeira de Portugal e começa a correr pelas escadas abaixo com ela na mão aos berros “viva Portugal” “Contente, toda a gente grita golo como se tivesse sido Portugal a marcar levando o Marco a abraça-me com tanta força que quase me magoava” “Cinco minutos depois novo golo da Holanda. Aí é que foi a festa. Mais do que ver era sentir a festa, a emoção. Mais uma vez o público levanta-se aos saltos” “De seguida o público acalma-se e observa o jogo. Portugal tinha de marcar. É visível o stress dos espectadores: uns abanam as pernas, outros roem as unhas, outros nem se mexem, todos com o olhar fixo no jogo. Até eu me deixo levar pela esperança e acredito que o golo vai aparecer. Aii! “Portugal, Portugal, do que é que estás à espera” “Passados vinte minutos o milagre acontece. Goooooolo de Portugal. Se os resultados se mantivessem assim passávamos. Foi um golo de Manuel Fernandes. Melhor que um golo decisivo só um golão decisivo. É só festa. Toda a gente grita por Portugal” “A Bélgica empata o jogo e Portugal está fora do europeu. As pessoas ficam mais caladas, mais sisudas, excepto o senhor acima de nós que volta a insultar tudo e todos. Anda de um lado para o outro, com ar nervoso e zangado” “Quando o árbitro apitou vimos que o outro jogo tinha acabado empatado e pronto, não preciso de dizer mais nada. Pouco festivos, falámos baixinho uns com os outros olhando para o chão, culpabilizando os árbitros pelos maus resultados”	“A senhora é um regalo para os olhos, Portugal dos pés à cabeça... Tinham vindo “passar um sábado fora de casa”, sendo Groningen o sítio escolhido pelo facto de receber um jogo de Portugal. Não estão muito importados com resultados e futebol propriamente dito, mas sim contentes por se juntarem a outros portugueses no apoio ao seu país. Enquanto estávamos a ter a nossa pequena conversa, sempre que passava outro português por nós, a senhora exibia os seus símbolos e soltava pequenas frases como “força Portugal” ou “viva Portugal”. Nunca a ouvi pronunciar-se sobre a necessária vitória da nossa equipa de futebol”

Categoria 2) Razões excitantes

Sub-categoria 2.1) Portugal

Sub-categoria 2.2) Futebol

Sub-categoria 2.3) Família

Sub-categoria 2.4) Festa

10/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Bélgica			
Futebol	Portugal	Razão excitante	
		Festa	Família
"Encontro um [espectador] e vou falar com ele. Vem de Eindhoven, cidade onde trabalha há 6 ano... Acompanha a seleção e sempre que pode vai ver os jogos" "À porta quatro homens nos seus quarenta bebiam cerveja e falavam alto. Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão. Tinham vindo até cá por motivos diferentes. Dois porque adoravam futebol e Portugal" [o que está <u>sublinhado</u> é que deve ser considerado integrante na categoria. O restante texto é para elucidar o contexto] "Uma salva de palmas e as equipas entram. Uma dúzia de espectadores na bancada oposta agita as bandeiras e grita por Portugal. Os restantes que vejo levantam-se" "Os espectadores sentam-se e falam para o lado, esperando o início do jogo. Cinco minutos depois aparecem os primeiros "Portugal, Portugal!" "[os espectadores] Dirigem o seu olhar para o jogo e nunca mais os ouvi. Uns a roer as unhas, outros a abanar as pernas, estavam fixados no jogo. Mudos, só quando era canto ou perigo de golo é que se faziam ouvir"	[o espectador] "Sabe tudo sobre o futebol português, estando coberto de vestimentas de Portugal dos pés a cabeça" "À porta quatro homens nos seus quarenta bebiam cerveja e falavam alto. Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão. Tinham vindo até cá por motivos diferentes. Dois porque adoravam futebol e Portugal" [o que está <u>sublinhado</u> é que deve ser considerado integrante na categoria. O restante texto é para elucidar o contexto] "Uma salva de palmas e as equipas entram. Uma dúzia de espectadores na bancada oposta agita as bandeiras e grita por Portugal. Os restantes que vejo levantam-se" "Os espectadores sentam-se e falam para o lado, esperando o início do jogo. Cinco minutos depois aparecem os primeiros "Portugal, Portugal!" "Caminhando em volta do estádio encontro as câmaras de televisão portuguesas com todos os espectadores ao redor. São por aí vinte espectadores aos saltos e a gritar por Portugal"	"À porta quatro homens nos seus quarenta bebiam cerveja e falavam alto. Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão. Tinham vindo até cá por motivos diferentes... nem sabiam o nome dos jogadores, só queriam festa" [o que está <u>sublinhado</u> é que deve ser considerado integrante na categoria. O restante texto é para elucidar o contexto]	"espectadores especiais: familiares e amigos dos jogadores, pessoas com idades variadas e de ambos os géneros, todos apresentam símbolos portugueses. Estão lá principalmente pelas ligações afectivas que têm com os jogadores e não por paixão nacionalista"

13/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Holanda				
Razão excitante				
Futebol	Portugal	Festa	Família	
	"Enquanto esperávamos a hora de ir, conversámos de futebol e descobri que não percebiam nada daquilo. Nem os nomes dos jogadores conheciam.... embora não dispensassem muita atenção ao futebol, só queriam mesmo é que Portugal ganhasse"			
	"Vejo quatro espectadores portugueses chegar mas estão numa outra bancada a que não tenho acesso. Estes sim são visíveis. Trazem bandeiras, camisolas, cachecóis e chapéu de Portugal. Agitam as bandeiras e saltam sem parar"			

16/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Israel			
Futebol		Festa	
Razão excitante		Portugal	
"Todos rapazes, sensivelmente da minha idade... Sabem o nome de todos os jogadores e mostram estar bem informados sobre cada um deles" "Têm sensivelmente a minha idade, e a sua conversa é atável e simpática. Ambos têm vestido uma camisola de Portugal antiga, uma com o nome de João Pinto e outra Rui Costa. Eram, claro está, do Benfica e acompanhavam o futebol português pela televisão sempre que podiam. Também eles aproveitaram o fim-de-semana para se deslocarem até cá para ver ao vivo a selecção, algo "que não podem fazer todos os dias" "Quando já estávamos a sentir o jogo de uma forma positiva, eis que no ecrã gigante do estádio aparece a pior notícia do mundo: Bélgica 1 – 0 Holanda... Para piorar as coisas o outro senhor entendia agora os seus insultos aos belgas e holandeses" "O jogo chega ao intervalo e a festa continua nas bancadas. O Marco está agora a chamar a atenção das câmaras, queria aparecer na televisão. Eu e os outros dois falávamos da qualidade de vida dos holandeses e das principais diferenças culturais entre os dois países. O senhor deixara de insultar tudo e todos e junta-se ao Marco com o intuito de também ele aparecer na televisão" "Os outros dois [espectadores] estão como eu: contentes mas serenos. Um deles, cada dez segundos, olha para o ecrã gigante com medo que alguma coisa má aconteça" "Quando o árbitro apitou vimos que o outro jogo tinha acabado empatado e pronto, não preciso de dizer mais nada. Pouco festivos, falámos baixinho uns com os outros olhando para o chão, culpabilizando os árbitros pelos maus resultados"		"O senhor é mais discreto: roupas casuais, cachecol de Portugal e boné do Benfica. A senhora é um regalo para os olhos, Portugal dos pés à cabeça. Imigrantes na Alemanha há muitos anos, falam português com dificuldade na pronunciação de algumas palavras. Tíniham vindo "passar um sábado fora de casa", sendo Groningen o sítio escolhido pelo facto de receber um jogo de Portugal. Não estão muito importados com resultados e futebol propriamente dito, mas sim contentes por se juntarem a outros portugueses no apoio ao seu país. Enquanto estavam os a ter a nossa pequena conversa, sempre que passava outro português por nós, a senhora exibia os seus símbolos e soltava pequenas frases como "força Portugal" ou "viva Portugal". Nunca a ouvi pronunciar-se sobre a necessária vitória da nossa equipa de futebol. O senhor fala pouco, sendo visivelmente mais tímido que a sua companheira. Solta uns sorrisos escondidos e fala do mau desempenho da equipa nos jogos anteriores, culpando também os árbitros pela derrota de Portugal contra a equipa da casa" Um deles, enquanto esperava a sua sandes, vira-se para trás, olha para mim, repara na minha camisola de Portugal e dá-me um abraço repetindo várias vezes "somos os maiores, vamos ganhar". Fiquei logo contente, deixando-me contagiar pela sua boa disposição. Os outros dois ao nos verem abraçados com eçam-se a rir e a saltar gritando "Portugal, Portugal" "As equipas entram no relvado e alinham-se para o hino nacional. Os rapazes que me acompanham param com a festa e levantam-se muito sérios para ouvir e cantar o hino nacional português. Transmitem um a sensação de orgulho em ser português... Ao mesmo tempo vejo os poucos espectadores de Portugal espalhados pelo estádio a agitarem as bandeiras" "Quando já estávamos a sentir o jogo de uma forma positiva, eis que no ecrã gigante do estádio aparece a pior notícia do mundo: Bélgica 1 – 0 Holanda... As esperanças abandonam-nos e a tragédia afecta-nos ao ponto de ficarmos um bom par de minutos a olhar o jogo sem nada dizer uns aos outros. Excepto o desinibido: este parecia não afectado pela notícia ou, pelo menos, não queria mostrar que estava. Continua a apoiar o seu país com todas as forças que tem. Para piorar as coisas o outro senhor entendia agora os seus insultos aos belgas e holandeses"	

Anexo II – Diário de Campo do Europeu sub-21, Holanda 2007

A decisão

Corre a semana final do estágio. Tenho mais duas aulas de estágio para dar, preciso de ultimar o dossier de estágio para entregar, preparo um programa de avaliações, cumpro uma semana de trabalho normal e em conjunto com a orientadora definimos o tema da minha monografia. Dormir estava fora de hipótese até porque, dada a natureza do tema, dentro de três dias já tinha de estar fora do país...

Três dias antes: saio do gabinete de Sociologia com as indicações necessárias para cumprir a recolha de dados estabelecida. Não tenho tempo para estar contente, dentro de meia hora entro ao trabalho. Como sempre, esqueço tudo o resto e durante as quatro horas seguintes sou professor. Adquiri este hábito a jogar futebol: quando entrámos no campo, a vida esperava-nos lá fora. Acabado o trabalho, pego na vida e vou para casa. Preciso de acabar o dossier de estágio.

Pouso as chaves na mesinha junto ao sofá enquanto faço o movimento descendente que me levaria a sentar. O corpo, ao sentir o conforto, faz uma birra e não se levanta, ainda que a cabeça lhe dissesse constantemente que havia trabalho para ser feito. O telefone toca logo a seguir e o João, meu fiel amigo e companheiro de estágio, diz-me sem eu lhe dizer nada: “Hugo sai do sofá. Tens duas horas para trabalhar no dossier enquanto não chego aí porque depois temos de trabalhar no programa”.

Não tenho quase forças para premir as teclas do computador e demoro um tempão para escrever o que quer que seja. Por entre os erros ortográficos que se sucedem em catadupa, escrever algo coerente é quando calha. Durante o jantar (dez minutos, não mais) penso em tudo o que ainda tenho para fazer e perco o apetite. Só continuo a comer para não ir trabalhar.

“Hugo, estás pronto ou estás morto?” “Só estou pronto para as coisas simples, não me ponhas a pensar.” Trabalhamos até às duas da manhã, altura em que... não...aguento...mais...e...

Dois dias antes: às nove da manhã já estou na escola com umas olheiras de queima das fitas. Os alunos falam para mim, rápido e todos ao mesmo, e entra a cem e sai a duzentos. Estão entusiasmados com o Sarau de ginástica a realizar hoje à noite na escola onde dou aulas. Esta festa conta com a participação de muitos grupos de alunos que preparam, em conjunto com os professores do grupo de educação física, um espectáculo para ser visto pelas respectivas famílias, amigos e professores. Passo a manhã com os meus alunos exercendo o papel de coreógrafo, corrigindo e melhorando o seu esquema de ginástica, mas não chega. Apesar de lhes garantir que o número estava perfeito (exagerei só um bocadinho) estes querem continuar a treinar da parte da tarde. Pronto, está bem, o que é que eu podia fazer.

Saio da escola cheio de pressa, um problema tinha de ser urgentemente resolvido. Vou ao aeroporto confirmar a compra dos bilhetes de avião porque ao efectuar a sua aquisição, via Internet, tinha ficado inquieto com o facto de não ter recebido os respectivos “e-mails” de confirmação. Afinal estava tudo em ordem, e volto a correr para a escola. Quase a chegar, paro no café próximo da escola para comer alguma coisa. “Ainda bem que chegaste, temos de resolver um problema que descobri no programa”, diz o João. O que é que eu podia fazer.

Três horas e os alunos já estão no pavilhão equipados para treinar. Treinámos durante uma hora, altura em que o professor coordenador do evento nos diz que temos de desocupar o pavilhão para que os preparativos necessários pudessem ser realizados. Maravilha, com o resto da tarde livre posso descansar uma horita e depois trabalhar no dossier. “Hugo, precisamos da tua ajuda para preparar o espaço para o Sarau, pode ser?”, diz um professor. O que é que eu podia fazer.

Estamos a tarde toda a realizar os preparativos e, quando chega a noite, o Sarau teve o seu início. É o princípio do meu período de descanso que se prolonga pela noite dentro dado que os meus amigos se queriam despedir de mim. A Ribeira está linda esta noite.

Um dia antes: o despertador não foi suficiente e acordo às onze da manhã. Vou a casa dos meus pais para o almoço e para me despedir da minha

família. Mas logo a seguir ao almoço volto para casa para acabar o dossier. Cansado da semana, meto mãos ao trabalho e foi até ao fim. Perto das dez da noite fica perfeito. Depois foi o tempo de fazer a mochila e dormir numa cama, não sabendo quando seria a próxima vez que isso iria acontecer.

Se existe uma coisa que muda tanto quanto a personalidade de cada um é o conteúdo da sua mala. Preparava-me para uma viagem de avião até à Holanda onde não podia levar mais de dez quilos de bagagem. Durante a minha estadia teria de me deslocar principalmente a pé ou de boleia e dormiria em jardins ou sítios do género. A mochila não podia ser muito grande pois andaria sempre comigo, até mesmo quando entrasse nos estádios.

O meu inventário: mochila média, quatro pares de meias, duas tângas de natação (secam mais rápido) e duas cuecas, três “t-shirts”, uns calções, umas calças de fato de treino, duas camisolas, um blusão, toalha, máquina fotográfica, “Mp3”, harmónica, pilhas, bandeira de Portugal, caderno, escova dos dentes, um rolo de papel higiénico, telemóvel e respectivo carregador. Para além, obviamente, da roupa vestida e dos documentos necessários.

Dia de viagem: saio de casa às sete e meia da manhã e às oito estou na escola. Entrego o dossier ao orientador e agradeço-lhe por me possibilitar a realização desta viagem. Dou a última aula do ano e às nove e meia apanho o metro para o aeroporto. Espero o tempo necessário para entrar no avião contente por ter conseguido cumprir com tudo o que tinha de fazer durante esta semana.

Cansado, olho pela janela e, ao ver Portugal a ficar para trás, digo para mim mesmo: “já está, vai começar”.

A chegada

Está tudo bem aqui em Groningen, está calor e sossegado. Mas vamos lá começar pelo princípio:

Acordo sobressaltado do meu último sono de 15 minutos no chão do aeroporto de Madrid, vejo que são horas de acordar definitivamente e vou ao exterior do aeroporto fumar um último cigarro madrilenho. Ao meu lado um sinal luminoso apontava as 4h41m e a temperatura incómoda de 30 graus.

Pego na minha mochila, faço o “check-in” e entro no avião. Durante as duas horas de voo não sou eu, é uma outra pessoa dormente, sonolenta, cansada, mas no entanto entusiasmada com o seu objectivo. Chego a Eindhoven depois de 18 horas de Madrid em cima, saio para o hall do aeroporto, dirijo-me às informações e encontro uma mulher enrugada, que disfarçara o sono com um pouco de base. Peço-lhe um mapa. Quase ao mesmo tempo pergunta-me – “Amsterdam?” – a que eu digo não. Queria um de Eindhoven. Embaraçada começa à procura de um mapa da sua cidade e não encontra. Diz-me para esperar um bocadinho mais e dirige-se a outro balcão.

Sozinho, em frente a mesinha azul das (des)informações, olho para lá dos grandes espelhos parede do aeroporto e ... meto as mãos na cabeça. Está a chover. Por experiência própria sei que apanhar boleia assim é mais desconfortável e desesperante (pelo menos incómodo) pelo que precisava de um mapa para evitar enganar e caminhadas à chuva. As formas de contrariar o problema tinham todas em comum o mapa. Estava dependente dele.

A senhora, também ela azul de vestido – para combinar com a mesinha das informações – aproxima-se e desculpando-se do tempo que me tomou dá-me um panfleto. Agradeço ao mesmo tempo que me viro para seguir caminho. Queria sair do aeroporto para fumar um cigarrinho.

Lá fora, junto-me aos dois grandes cinzeiros – azuis! - junto às portas de entrada e, só de t-shirt, sinto um arrepio de frio daqueles. Lembro-me logo dos trinta graus de Madrid. Estavam poucas pessoas lá fora. Dirigiam-se sobretudo para os transportes públicos e privados num passo certo que mostrava um

conhecimento esperto do sítio. Não havia turistas perdidos a andar para trás e para a frente. Olho para o céu cinzento e acendo o cigarro.

Primeira passa e confiança. Segunda passa e abro o panfleto. Dois tiros depois e “ai! O mapa só tem o centro da cidade!!”. Estranhamente despreocupado, vi que o mapa era inútil e que tinha de perguntar a alguém como fazer para sair dali.

Entretanto, um rapaz apressado passa por mim. Pergunto-lhe se é holandês e ele responde que o era mais ou menos. O mais ou menos para mim bastava e torno a perguntar como fazer para seguir para Groningen. Simpático mas irrequieto, diz-me que também seguia para Groningen, tinha só de ir comprar cigarros e que voltava já para falar comigo. Ao se afastar de mim em passo acelerado pensei que não voltava mais, mas voltou. Numa conversa informal explicou-me que para chegar a Groningen a melhor opção seria apanhar o comboio, como ele ia fazer. O meu único problema é que não queria gastar muito dinheiro em transportes e então, mudando a conversa, digo-lhe que não tenho os 30 euros necessários e que gostaria de ir de boleia. Ele não conhecia Eindhoven e, apontando para um polícia na rua, diz-me que ele talvez soubesse. Antes de se despedir de mim para ir embora dá-me o seu número de telemóvel e de casa e oferece-se para me ajudar caso fosse preciso: “if you need anything man, just give me a call when you get there”. Não me conhecia, nunca me tinha visto, não lhe ofereci nada, e ajuda-me.

Depois do adeus/até logo ao rapaz colorido e bem disposto, vou ter com o polícia e pergunto qual será um bom sítio para apanhar boleia. Muito surpreendido com a pergunta diz-me que o melhor é ir para a estação de comboios e perguntar às pessoas que lá se encontram. Entretanto, começa a chover um pouco mais e todos fogem para baixo de um abrigo. Fujo para a paragem de autocarro apinhada de gente, onde estava também o rapaz altruísta e tento dirigir-lhe algumas palavras enquanto luto por um espaço debaixo do coberto. Acabámos por apanhar o mesmo autocarro e ir juntos para a estação de comboios.

A viagem foi curta e sem muita conversa. O tempo e o cansaço não ajudam. As pessoas tentam apoiar as cabeças no vidro e arranjar espaço para

esticar as pernas, remexendo o corpo uma e outra vez à procura de conforto, mas não conseguem. Com o mesmo empenho evitam olhar nos olhos de outra pessoa mais do que uns instantes.

Chegados ao terminal dos comboios fui com o “ya man” ver os preços dos bilhetes. Trinta Euros, não há cá promoções para estudantes ou menores de 25 anos. Igual para todos. Dado que ainda continuava a chover e que não conhecia nada de Holanda fiz uma escolha que se mostrou muito influente para a minha viagem.

Já no comboio continuámos aquela conversa inicial do costume, nunca muito profunda, que sempre dá para descontrair. Fiquei a saber um pouco mais sobre ele e ele sobre mim. Deln, “rastaman” africano, vive em Groningen há 6 anos. Trabalha numa companhia de telefones e é doido por futebol. Conto-lhe os meus intentos para esta viagem e ele convida-me para ficar em sua casa durante a estadia em Groningen. A paisagem verdejante passa veloz e pautada pela janela a medida que o comboio dança para um lado e para o outro ao som do constante barulho dos carris. O cinzento do céu parece pressionar as minhas pálpebras e o cansaço não me permite combater essa força tão grande. Durmo.

O Deln só quer chegar a casa, motivo esse que nos apressa a apanhar o autocarro. Está lá à nossa espera. Linha 6, direcção Beijum. As pessoas dispõem-se em fila enquanto esperam a sua vez de comprar bilhete ao condutor. A condução do autocarro proporcionava uma observação pausada dos sítios por onde passava, mas no entanto muito superficial. Durante a viagem, de cerca de 20 minutos, são visíveis sinais de festa e bicicletas por todo o lado.

Chegámos a casa do Deln e, por entre algumas palavras engraçadas instalámo-nos em sua casa. Um apartamento agradável, parecido com aqueles que já tinha visto em Lille nos bairros populares. Desarrumada como uma casa de estudantes, tem uma decoração castanha com muitas plantas ensolaradas pelos cantos. Dois quartos – dos quais me emprestou um durante a minha estadia – uma cozinha, um quarto de banho, toilet e uma sala.

10/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Bélgica

Camisola com as quinas de Portugal, dinheiro, “mp3”, bloquinho e duas canetas, tabaco e isqueiro, papel com a morada e contacto do Deln, chaves de casa, e estou pronto. Comprar bilhetes para o jogo é o que tenho de fazer. Sirvo-me do único autocarro que conheço o trajecto e deixo que me leve até ao centro da cidade. Os carros não abundam, preferindo as pessoas deslocar-se de bicicleta, mais económico, amiga do ambiente, fácil de estacionar e, arrisco, mais aceite pela sociedade. O campo visual é estranho porque conseguimos ver mais longe uma vez que não existem muitas construções em altitude. No entanto espectadores da selecção de Portugal, nem vê-los.

Chego ao estádio e nem parece que vai haver jogo esta noite. Parece um deserto com um estádio no meio, não se verificando a presença dos tradicionais vendedores de bandeiras e cachecóis. Mais, não há pessoas a comprar bilhete nem espectadores de Portugal. Em passo calmo e seguro dirijo-me ao local apropriado e efectuo a compra. Não há pressas, não há pessoas logo há bilhetes.

Bilhete na mão, sorriso nos lábios embarco noutra missão: encontrar os espectadores de Portugal.

No centro da cidade, ao lado da igreja que me guiou desde longe, encontro uma praça com um centro de areia falsa e campos de “beachvoley” onde decorriam jogos. Está muito calor e as pessoas com muito pouca roupa vestida concentram-se nos bares/esplanadas em redor da praça. Pensei que seria um bom lugar para encontrar portugueses. Mas estava enganado. Nem um!

Andando pelas ruínas do centro da cidade, aborrecido de não encontrar nenhum lusitano, vejo um mercado de livros com painéis de publicidade ao Europeu e ouço falar português. Descubro dois portugueses e sigo-os. Não têm roupas do equipamento da selecção de Portugal. Um é alto e magro e o outro é baixinho e gordinho. Ambos na casa dos quarenta anos caminham lado a lado de mãos nos bolsos e olham em redor como que procurando qualquer coisa em concreto e entram os dois numa sexshop. Fico fora do estabelecimento à

espera deles mas demoram tanto tempo que acabo por perder o interesse e vou-me embora. Nunca mais os vi.

Resolvo acabar com a sede que me apoquentava e vou beber uma cervejinha gelada ao meio da praça. Esta, muito barulhenta e cheia de “beachvoley culture”, não apresenta sinais de espectadores portugueses nem belgas. Um homem caminha na minha direcção e pergunta-me a nacionalidade. Digo-lhe que sou português e ele oferece-me uma outra cervejinha. Ao mesmo tempo aparecem quatro jovens espectadores da Bélgica, todos com chapéus, camisolas e bonecos do seu país, embriagados e alucinados. Estão descontraídos e contentes por encontrar um adepto português que ainda por cima falava francês. O tema foi, como não podia deixar de ser, futebol e todos defendíamos que as nossas equipas eram as melhores. Afastam a sua atenção para as meninas de biquini e quatro portugueses dirigem-se a mim, de cerveja em punho, procurando conversa. Vestidos à civis, não são espectadores de Portugal, nem sequer vêm ver o jogo. Eram simplesmente trabalhadores das fábricas de sal de Groningen a fazer um passeio pelo centro. Despeço-me gentilmente e vou para o estádio.

São 19h30m e estou na parte de fora do estádio. Estranhamente tenho de procurar os portugueses porque são muito poucos e difíceis de encontrar. Encontro um e vou falar com ele. Vem de Eindhoven, cidade onde trabalha há 6 anos. Acompanha a selecção e sempre que pode vai ver os jogos. Sabe tudo sobre o futebol português, estando coberto de vestimentas de Portugal dos pés a cabeça. Com cara de espantado pergunto-lhe onde estão os outros portugueses e ele responde-me que viu poucos, mas que se iam juntar todos num sítio perto do estádio no fim do jogo para a reportagem da TVI.

Enquanto falávamos, um jornalista interpelou-nos. Um sujeito gordito, de bloquinho na mão, óculos, roupas confortáveis e um cartão de identificação pendurado ao pescoço. Andava a fazer entrevistas aos poucos espectadores de Portugal que passavam por ali. Pediu para respondermos a algumas perguntas. Disse-lhe que acedia ao seu pedido na condição de ele também responder às minhas. Lá nos entrevistou e ficou de tal maneira surpreendido com o que eu andava lá a fazer que, no fim da conversa, me deu os seus

contactos tanto daqui como de Portugal para podermos falar numa altura mais conveniente sobre os dados que me poderiam fazer falta para a minha pesquisa.

Terminada a conversa, esfregando as mãos por ter estabelecido este contacto, vou até ao bar do exterior do estádio onde encontro mais espectadores portugueses. À porta quarto homens nos seus quarenta bebiam cerveja e falavam alto. Tinham cachecóis de Portugal e um olhar mais atento notava uma barriguinha marcada nas t-shirt sujas e velhas. Viviam e trabalhavam em Amesterdão. Tinham vindo até cá por motivos diferentes. Dois porque adoravam futebol e Portugal, enquanto os outros dois nem sabiam o nome dos jogadores, só queriam festa. Procurando um ambiente mais festivo entram no estádio e fico outra vez sozinho.

Sigo o meu caminho para o bar do estádio e sento-me ao balcão a escrever umas notas. Nisto, olho para a mesa ao canto e observo a família de um jogador de futebol da nossa selecção (Antunes). São 8 pessoas sentadas em volta de duas mesas dispostas lado a lado. Falam entre eles e não prestam muita atenção ao que se passa em torno. Todos apresentam símbolos de Portugal com o nome de Antunes escrito e fazem-me lembrar as famílias dos meus colegas quando jogava futebol. Não falo com eles porque estão constantemente a ser entrevistados. Os espectadores de Portugal são tão poucos que os jornalistas têm de entrevistar sempre as mesmas pessoas. Resolvo então entrar no estádio para morder o ambiente.

Ninguém me revista, ninguém me pede nada, ponho o cartão na máquina e estou lá dentro. São poucos os espectadores, muito poucos. Adultos, não entusiastas, sentados em pequenos grupos espalhados pelas quatro bancadas despidas do estádio. O público é quase todo holandês, sendo que portugueses e belgas juntos não representam nem metade dos espectadores aqui presentes.

8h20m: parece um treino. O estádio apresenta-se quase vazio. Os portugueses são quase todos famílias de jogadores, sentados, acomodados como se estivessem em frente à televisão. Trazem consigo vestimentas identificativas mas não as exibem, não se manifestam. O facto das pessoas

não estarem todas juntas não ajuda a comunicação pois grupos maiores e mais compactos tendem a ter menos receio de serem expressivos. Para além disso, os grupos estão muito distantes uns dos outros e não se consegue ouvir muito bem o que eles cantam ou falam. Os espectadores não se podem unir para apoiar a equipa porque não se ouvem.

8h37m: os suplentes vão para o banco. Uma salva de palmas e as equipas entram. Uma dúzia de espectadores na bancada oposta agitam as bandeiras e gritam por Portugal. Os restantes que vejo levantam-se. A adrenalina espalha-se, o sorriso aparece e a vontade de escrever esvanece. Na altura do hino de Portugal a organização engana-se na música – estúpidos – e o pessoal nem assobia; canto também o hino, a parte das armas, mas é ridículo. A letra está desactualizada na minha perspectiva pois nos dias que correm, segundo os moldes da minha realidade, não tem lógica pegar em armas para defender o meu país.

8h46m: Nem se ouviu a letra. Os espectadores sentam-se e falam para o lado, esperando o início do jogo. Cinco minutos depois aparecem os primeiros “Portugal, Portugal”, mas esmorece rapidamente.

O jogo não é atraente o que parece contagiar o público – pelo menos a mim – ao ponto de ter escrito no bloquinho de notas que me acompanhava: “é a maior seca da viagem. Ninguém faz nada que eu repare, nem jogadores nem espectadores”. Por sorte a organização faz outra asneira e tornam-se o motivo das gargalhadas do público presente, a manifestação mais global e pronunciada que ouvi em todo o jogo. O guarda-redes português lesiona-se e entra a maca para o retirar do campo – estúpidos, penso outra vez enquanto me riu – para surpresa do árbitro que nem sabia o que fazer.

Quase no fim da primeira parte, pontapé de baliza para a Bélgica, o guarda-redes chuta a bola e ouve-se o palavrão do costume, à boa moda das claques das equipas portuguesas. Aqui é menos grave porque ninguém sabe o que estão a dizer, mas mesmo assim fico um pouco envergonhado por ter compatriotas assim.

Bocejando de tédio, avisto um grupo de portugueses e aproximo-me esperançado em ter companhia durante a segunda parte: “Então, estão a

gostar do jogo?” Olham para mim, de cima abaixo, todos ao mesmo tempo e um deles responde: “Não”. Dirigem o seu olhar para o jogo e nunca mais os ouvi. Uns a roer as unhas, outros a abanar as pernas, estavam fixados no jogo. Mudos, só quando era canto ou perigo de golo é que se faziam ouvir através de um apoio ténue. Os portugueses tinham aspecto de trabalhadores, mas aqui nunca se sabe sem perguntar. Tinta nas mãos, camisolas de Portugal antigas, gastas e sujas, sapato engraxadinho, voltinha ao pescoço, o famoso bigodinho e cigarrinho sempre em punho. O árbitro dá por concluída a partida e o estádio fica sem pessoas em 4 minutos.

Saio, esperando a confusão normal fora do estádio e tento ir para onde me tinham garantido que estaria a TVI com os espectadores de Portugal. Solto um suspiro profundo pois nem confusão, nem espectadores de Portugal. Caminhando em volta do estádio encontro as câmaras de televisão portuguesas com todos os espectadores ao redor. São por aí vinte espectadores aos saltos e a gritar por Portugal. Parecem crianças que só choram quando está alguém por perto a observar e acaba rápido quando as câmaras se afastam.

Acompanho esses mesmos espectadores que se deslocam em grupos dentro do mesmo grupo para ver para onde iam e, sem dar conta, estou no parque de estacionamento exterior do estádio. Aí chegados entram dentro de carros, todos de matrículas estrangeiras.

Próximo do estádio o cenário é desolador: escuro, sem pessoas, sem barulho, nem parecia ter existido um jogo de futebol. Paro junto à porta de saída do estádio, destinada exclusivamente a membros das equipas nacionais, onde também se encontravam as camionetas de Portugal e Bélgica prontas para a sua recepção. Em seu redor encontram-se espectadores especiais: familiares e amigos dos jogadores, pessoas com idades variadas e de ambos os géneros, todos apresentam símbolos portugueses. Estão lá principalmente pelas ligações afectivas que têm com os jogadores e não por paixão nacionalista. Dispunham-se em grupos distintos não mantendo qualquer contacto aparente com os restantes espectadores, tanto portugueses como belgas. Esperam simplesmente pelo membro da família e falam com ele

quando este chega. Não falam do jogo, optando apenas por assuntos triviais ou de família. As conversas duram pouco tempo uma vez que quando todos os jogadores entram na camioneta esta arranca... e logo de seguida bate contra um poste de luz mesmo ao lado. Nem cinco metros andou. Os jogadores mantinham-se dentro da camioneta enquanto o condutor falava com a polícia. As pessoas que se encontram próximas da camioneta riem-se incessantemente à causa deste caricato acidente que deixa a porta do condutor pior que o chapéu de um pobre. No meio da situação encontro os espectadores da Bélgica que já conhecia antes, agora de movimentos mais desinibidos e desenquadrados, que me dizem, num francês enrolado, que o condutor português ainda está pior do que eles. Convidam-me para ir com eles de táxi até ao centro da cidade mas eu não tinha os 3 euros que eram precisos: “Trois Euros! Mais c’est rien!” Para eles são trocos, para mim são três Euros.

Vou a pé até ao centro da cidade pelas ruas sem ninguém. Meia-noite e meia e a praça central está deserta, os bares fechados, sem espectadores nem nativos. Apanho o autocarro, um pouco abatido e desiludido por não haver festa e vou para casa. É verdade, não há festa mas há casa quentinha. Melhor ainda.

13/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Holanda

Camisola com as quinas de Portugal, dinheiro, “mp3”, bloquinho e duas canetas, tabaco e isqueiro, papel com a morada e contacto do Deln, e onde estão as chaves de casa? Aqui estão, estou preparado.

A praça é agora diferente. Os campos de voleibol foram substituídos por um palco musical e um campo de futebol de cinco. No meio de alguma azáfama latente na velocidade e quantidade de bicicletas que passam por mim – quase que era atropelado – as pessoas assistem aos jogos de futebol que se desenrolam no recinto próprio, ouvindo, quer queiram quer não, a música ruidosa que sai das enormes colunas colocadas estrategicamente. Não se vislumbram espectadores de Portugal. Já estava a contar com isso, ainda é cedo.

Calmamente dirijo o meu andar para parte nenhuma e, quando estava quase a chegar ao destino, começa a chover. As pessoas que estavam na praça aceleram em direcção ao abrigo mais próximo, quer se tratasse de um café, loja de roupa, ou igreja. A minha pressa levou-me ao “cofeeshop” mais próximo. É sem dúvida um espaço intrigante do qual não me vou pronunciar.

Volto à praça central e esta já não está vazia de espírito. Já se notam indícios de dia de jogo. Os primeiros espectadores laranjas já se vêm um pouco por todo o lado na sua versão mais idosa. Sem medo da chuva miúda sentam-se em mesas redondas e partilham conversas e cervejas. Apesar do gesto natural de aproximar a orelha do que queremos ouvir as conversas são imperceptíveis para mim e, frustrado por não perceber absolutamente nada, aproximo-me de uma outra linguagem bem mais familiar. Sento-me nas pequenas bancadas de madeira molhada junto ao campo de futebol e observo o jogo e a praça.

São quase cinco horas da tarde e a praça vai enchendo de pessoas com roupas laranjas. Portugueses ainda não. Parece-me adequado mencionar a qualidade de vida como justificação: sendo os espectadores portugueses quase exclusivamente imigrantes de regiões próximas, só quando o trabalho

acaba é que podem vir para aqui. Isto faz com que cheguem um pouco mais tarde do que os holandeses de Groningen cujo trabalho terminou.

Perto das seis horas sai-me a sorte grande. Por entre o dominante laranja presente no local vejo um grupo de cachecóis vermelhos a saírem de uma camioneta. Quinze homens e mulheres nos seus trinta e poucos anos acabam de chegar. Desorientados e curiosos como é normal quando se vê algo pela primeira vez, falam entre eles e observam o local. A minha observação geral e afastada do grupo revela vestes menos espampanantes que os holandeses, mas ainda assim exibem os cachecóis em tom de desafio aos ousados olhares que se abatem sobre eles. Não se afastando muito do local onde a camioneta estava estacionada, trocam palavras e gestos amigáveis com alguns espectadores holandeses que se aproximavam. Quando me estava a dirigir na sua direcção para me tentar infiltrar no grupo, estes entram num hotel que estava mesmo próximo da camioneta. Depois da chegada ao local foi a primeira coisa que fizeram. Ao deparar-me com esta situação lembro-me da minha chegada, que se mostrou completamente diferente da deles. Talvez não tenha sido a sorte a ditar a minha sorte. Sempre que partimos para férias com um espaço reservado, quer seja hotel ou casa ou parque de campismo, a primeira coisa que fazemos é instalarmo-nos. É uma forma de segurança e comodidade: pousamos as bagagens e ficamos mais leves, descansamos um pouco da viagem e conhecemos o sítio para onde voltar quando estivermos fartos de estar na rua. Quando não temos para onde ir temos quase obrigatoriamente de tentar comunicar com alguém. Essa comunicação aumenta a probabilidade de conseguirmos ajuda, ainda mais se formos simpáticos e sorridentes.

Espero a sua saída do hotel para poder estabelecer contacto. Ao acaso olho para a praça agora toda ela uma autêntica mancha laranja. Os elementos do grupo vão saindo do hotel uns de cada vez. Em pares ou grupos pequenos, mas nunca sozinhos, fazem percursos reduzidos no espaço imediatamente em frente ao hotel, esperando o resto do grupo pois em presença de uma potencial ameaça um grupo parece tender invariavelmente à união. A ameaça de que falo não é mais do que um espaço preenchido por esplanadas e cafés

próximos repletos de personagens laranjas que agora cobrem o local, quer seja em pé ou sentados. Estes, ao verem os espectadores portugueses, aproximam-se para uma comunicação breve recheada de poucas palavras e muito boa disposição de ambas as partes. Seguem-se as fotos para mais tarde recordar e o grupo junta-se de novo.

Um café próximo é o local escolhido para matar a sede ou para alimentar a euforia. Todo o grupo vai ao mesmo café, embora alguns não estejam muito de acordo com a escolha. O dinheiro não abunda e espero a sua saída do café para a abordagem.

De novo todos em grupo afastam-se do local próximo do hotel, arriscando um pouco mais de distância que lhes proporcionaria novos estímulos visuais. Momento “National Geographic”: um dos elementos afasta-se do grupo tornando-se mais vulnerável e o predador magrinho (a minha pessoa) ataca. A presa era um homem nos seus trinta. Contente por encontrar outro português apresenta-se e pergunta-me o que estava lá a fazer. Respondo que estava ali para acompanhar o campeonato de futebol. Não vendo mais ninguém comigo questiona admirado: “onde estão os outros que vieram contigo?” Franze a testa quando acabo de lhe dizer que tinha vindo sozinho de Portugal até cá. Disse-lhe também que me tinha aproximado deles porque queria companhia portuguesa. Impressionado, apresentou-me aos restantes elementos do grupo que se encontravam mais próximos e ficámos um pouco à conversa.

Vêm do Porto, mais concretamente de Gaia. Trabalham para uma empresa e estão na Holanda de férias (a empresa organizou uma viagem para alguns dos seus trabalhadores e estes aproveitaram). A viagem estava previamente organizada, sendo que a sua estadia em Groningen faz parte do pacote viagem. Saíram de Portugal rumo a Amesterdão e ficaram três dias num hotel perto do centro. Daí partiram para Groningen onde ficam até ao dia seguinte, voltando a fazer a viagem de retorno à capital amanhã de manhã. Chegam a Amesterdão, recolhem as bagagens que deixaram no Hotel e seguem para Eindhoven onde ficam um dia. Depois vão para casa. O seu transporte é uma camioneta de matrícula holandesa conduzida por um

motorista holandês. Fazem-se também acompanhar por um casal com sensivelmente a mesma idade que desempenham a função de guias. Tudo organizadinho.

Dado estarem ali com o propósito de ver o jogo e de se fazerem transportar numa camioneta que tinham ao seu dispor, peço-lhes delicadamente se não me podiam dar boleia para o estádio, juntando-me assim ao grupo. Enquanto esperávamos a hora de ir, conversamos de futebol e descobri que não percebiam nada daquilo. Nem os nomes dos jogadores conheciam. Uma rapariga do grupo, inocentemente no meio da cavaqueira, afirma que está ali não para ver Portugal jogar mas sim para ver o Cristiano Ronaldo ao vivo!? Esboço um sorriso amarelo e duvidoso, sabendo que o jogador pretendido nem sequer se encontrava convocado para o torneio. Os outros membros do grupo, embora não dispensassem muita atenção ao futebol, só queriam mesmo é que Portugal ganhasse.

A grande camioneta está semi vazia fruto das cerca de vinte pessoas que a ocupam. As pessoas sentam-se nos lugares formando pequenos grupos distintos, sendo que os mais velhos se juntam aos mais velhos e os mais novos se juntam aos mais novos, independentemente do género. Eu também me junto aos mais novos, mas eles pouco me dirigem a palavra pois para além de ser mais novo do que eles, sou também estranho ao grupo e do sexo masculino. Os que se fazem acompanhar das suas namoradas, contagiados pela novidade de um ambiente diferente, falam romanticamente entre eles. Ao mesmo tempo, os que a distância faz solteiros estão mais interessados em conquistar a guia holandesa, uma verdadeira beldade exótica para os portugueses mas perfeitamente banal para qualquer holandês. Dentro do grupo dos jovens estava um rapaz que dominava o inglês. Enquanto este permaneceu no seio do grupo, portugueses e holandeses comunicavam entre si, mas quando foi chamado por um homem mais velho e deixou o seu lugar, o grupo dividiu-se e os portugueses começaram a falar só entre eles e os guias igual. Foi como se a ponte entre duas ilhas tivesse ganho vida e partido para outra parte.

Cerca de dez minutos depois chegámos ao estádio, estando o jogo a pouco mais de trinta minutos do seu início. Os Portugueses já tinham bilhetes e entram directamente no estádio. Despedimo-nos com um até logo e fui ver se conseguia comprar bilhete. Não estava muito optimista, pois há dias que se ouvia dizer que o estádio estaria lotado. Via laranja por todo o lado; espectadores cantando e desfilando as roupas variadas e divertidas metem-se comigo dizendo que Portugal vai perder. As camisolas de Portugal iam aparecendo mais frequentemente do que no centro embora fossem muito poucas, muito menos de que estava à espera. Chego à bilheteira e, para surpresa minha, ainda havia bilhetes e não eram muito caros. Contento, compro o bilhete e entro imediatamente no estádio pois não queria perder a festa que se fazia ouvir cá fora.

O estádio está cheio e o frenesim faz-se sentir. Cheira a jogo. Não consigo ver muitos portugueses mas também é difícil pois o vermelho confunde-se no meio de tanto laranja. No meu lugar (desta vez existem de facto lugares marcados pois o estádio encontra-se repleto) sou eu rodeado de holandeses. Os que me estão próximos tentam falar comigo sempre com o mesmo objectivo: dizer que a Holanda é melhor e que ia ganhar. Ao meu lado um casal de jovens holandeses surpreende-me com uma conversa informal e começámos a enumerar os melhores jogadores de ambas as equipas. A meio da conversa pergunto-lhes se costumavam ver jogos de futebol. Ambos dizem que não com a cabeça. Em vez de terem ido ao cinema aproveitaram o facto da Holanda jogar em Groningen e vieram antes ao futebol. Estão aqui para se divertir e para cantar, independentemente do vencedor.

Vejo quatro espectadores portugueses chegar mas estão numa outra bancada a que não tenho acesso. Estes sim são visíveis. Trazem bandeiras, camisolas, cachecóis e chapéu de Portugal. Agitam as bandeiras e saltam sem parar, chamando a atenção das outras pessoas que se divertem ao vê-los assim. Até eu me divirto, desejando estar com eles.

Falta pouco tempo para o começo do jogo e o “speaker” do estádio comunica a constituição das equipas. Começa pela de Portugal e... nunca ouvi coisa tão engraçada. Parecia que os jogadores portugueses eram chineses.

Tinha de ler os nomes no ecrã gigante para saber quem ia jogar. A título de curiosidade: quem é Jo Mutino?

As equipas entram no relvado e não há palavras só emoção. O hino português é só música pois não há portugueses suficientes para se fazerem ouvir. Farto de não ver portugueses com frequência, faço um esforço para me acalmar e observo atentamente as bancadas em busca de conterrâneos. Estão em pequenos grupos espalhados por todo o estádio. Esta disposição torna difícil um apoio audível pois, em primeiro lugar, o som provém de muitos sítios diferentes e, em segundo lugar, porque os grupos pequenos são facilmente desencorajados a fazerem-se ouvir pela vergonha que sentem (eu incluído) em ser o centro das atenções.

O árbitro apita e o jogo começa. Ouve-se um ruído familiar que não muda de língua para língua, e o cérebro é bombardeado de pensamentos todos sobre a mesma coisa: futebol. Para mim, a emoção inicial dura pouco, penso que devido à experiência constante do fenómeno, sendo logo a seguir substituída pela tática e sistemas e esquemas, resumindo: só bola.

Sem preparação para este tipo de pesquisas, tenho por vezes de me chamar à atenção de que o meu trabalho não é ver o jogo. Por vezes dou comigo a observar atentamente a partida ignorando tudo o resto. Nem barulho ouço. E assim, lutando contra mim mesmo, fui observando grupos de símbolos de Portugal. De longe é impossível distinguir se são portugueses ou não, mas é provável que sejam. São grupos de poucos elementos que chamam a atenção pelas suas roupas. Não se encontram muito eufóricos e também não se levantam muito para apoiar Portugal. Permanecem sentados, de olhos...pénalti roubado para a Holanda. Golo da Holanda, 1-0, já estamos a ser roubados e a perder. Se se mantiver este resultado estamos quase fora do europeu. Trinta mil palavrões correm na minha cabeça embevecidos com sentimentos de raiva e frustração por nada poder fazer... postos no jogo. A maior catástrofe poderia acontecer mesmo ao lado que ninguém tiraria os olhos do jogo. Neste, nem quando temos uma situação de ataque perigoso se ouvem os espectadores de Portugal. Agora que estamos a perder ainda é pior. Estão todos na expectativa,

menos os espectadores da Holanda que cantam sem parar a felicidade de estar a ganhar.

No final da primeira parte, o João Moutinho, jogador da selecção nacional de Portugal, rompe pelo corredor direito, entra na área com a bola dominada e em velocidade, tenta passar por um defesa e não consegue porque este o derruba com uma rasteira pronunciada que só não vê quem não quer. Foi mesmo à minha frente a vinte metros de distância. Sem dar conta, já estava em pé a insultar tudo e todos pela injustiça que estávamos a ser alvo. Os holandeses próximos começam a olhar-me muito fixamente e a fazerem gestos tentando defender que não tinha sido falta. Alguns gestos eram mais simpáticos e descontraídos que outros. Falo dos gestos porque do que diziam (penso que não eram palavras bonitas) não percebia absolutamente nada.

Chegámos ao intervalo com a Holanda a ganhar por 1-0. Levanto-me para ir ao quarto de banho e os espectadores da Holanda não me deixam em paz. Todos querem dizer-me alguma coisa, mas eu não quero ouvir, nem sequer falar com eles. Estou a ficar mesmo incomodado com o que se estava a passar. Aliando a isso os acontecimentos da primeira parte pode dizer-se que não estava muito bem disposto.

Volto para o meu lugar, sento-me, respiro fundo para me tentar acalmar e o casal que estava sentado ao meu lado começa a falar comigo. Falavam inglês, mas de início não percebia o que estavam a dizer. Parecia que tinha um tampão para tudo aquilo que não fosse português. No entanto, após alguns segundos consegui perceber e, pela primeira vez, os holandeses não gozam comigo mas fazem-me perguntas pessoais sobre de onde era, como era a minha cidade, quais as principais diferenças culturais que existiam, etc.. Fomos interrompidos pelo reatamento do jogo e pelo barulho que isso provoca no estádio. É deveras impressionante que no espaço de um segundo se deixe de ouvir a pessoa que está próxima, sendo esse som abafado pelo de vinte mil pessoas a gritar ao mesmo tempo.

A segunda parte, para minha insatisfação, começa sem lances de grande perigo e o estádio mais parece um cinema. As pessoas sentadas assistem a um espectáculo, sem manifestações e sem ruído.

Portugal tarda em marcar e a esperança começa a desaparecer. Começo a fazer as contas a que nos fomos habituando a fazer e a minha conclusão é que estamos mesmo a um jogo e vinte minutos de sair do europeu.

Com o aproximar do fim do jogo a emoção aumenta e as pessoas no estádio começam a fazer-se ouvir. De repente, o público une-se para fazer espectáculo e a tão famosa onda passa pelas bancadas. As pessoas perdem o interesse no jogo e fixam atenção nas bancadas, pois o verdadeiro espectáculo é agora realizado nesse espaço.

A onda dilui-se na multidão que agora está toda de pé fazendo cânticos de apoio à equipa da casa. Agora é que é impossível ver portugueses pois o movimento do laranja não o permite. Uma língua estranha faz-se ouvir tão forte como no início do jogo. Desesperado pelo empate, torno-me católico por uns minutos e peço um milagre. O árbitro apita e acabou. A alegria sentida no início dá lugar a uma tristeza ligeira, dado que nem tudo é mau já que estou fora do país a divertir-me.

No último jogo fiquei tanto tempo perto do estádio depois do jogo que quando cheguei ao centro já era tarde, por isso decidi não esperar e ir directamente para o centro. Faço o caminho com as pessoas que saem do estádio e obviamente vou sendo alvo de brincadeiras, mas nesta fase são amigáveis ou pelo menos penso que sim.

Desta vez chego ao centro e, embora não esteja cheio de gente, tem um bom ambiente. Mais uma vez tento encontrar portugueses para prosseguir a investigação, tarefa que não se revelou nada fácil.

A busca terminou quando encontrei o mesmo grupo de portugueses que tinha visto antes do jogo num café da praça. Fiz um grande sacrifício para me juntar a eles e parecer feliz pois o café escolhido nada tinha que ver comigo. Era um café moderno com aspecto de novinho em folha. Tinha uma área grande destinada à dança e outra onde se encontravam sofás confortáveis em volta de mesas baixinhas. Iluminado por meia luz proporcionava o ambiente ideal para que existisse privacidade e um sentimento de protecção. A música

estava altíssima e dificultava a comunicação verbal. Mais ainda era pop rock da moda.

O grupo permanece sempre junto falando somente entre eles. Dentro desse grupo pode reparar-se em dois subgrupos distintos: o dos mais velhos e o dos mais jovens. Os primeiros, na casa dos cinquenta, usando roupas casuais e confortáveis, encontram-se sentados nos sofás a beber a sua cerveja, trocando palavras de boca a orelha devido à música presente no local. Continuavam a usar os cachecóis de Portugal bem visíveis, uns ao pescoço, outros na cinta e mesmo um, mais eufórico que os outros, atado na cabeça. Permaneciam sentados em volta de uma mesa virados de frente uns para os outros, fechando-se completamente do contacto com os demais que lá se encontravam tanto estrangeiros como portugueses. Os jovens estão na pista de dança. Só eles porque ninguém mais a ocupa. Tentam chamar a atenção das presenças femininas que se encontram no local, sem aparente sucesso. Estão vestidos com roupas da moda, muito semelhante às roupas que se podem ver em qualquer discoteca do Porto, embora o cachecol esteja sempre presente em qualquer um deles. Permanecem em grupo, muito próximos uns dos outros, mas sempre virados para a rapariga que achavam mais elegante e desprotegida. Mesmo quando parecia existir alguma receptividade, estes nunca se distanciavam do grupo para se aproximar. Provavelmente é questão de (não) conhecimento da língua inglesa. Num curto espaço de tempo para se conquistar a confiança de alguém temos de falar com ela (a empírica lábia). Se não utilizamos uma linguagem comum a aproximação torna-se mais complicada.

Aproximo-me deles para tentar falar um pouco e lá consigo arrancar algumas palavras de um rapaz que me diz estar muito triste pelo resultado mas que também acha que Portugal não jogou tão bem quanto podia. Ele dizia que estava triste mas as suas expressões corporais diziam-me o contrário. Entretanto, um outro rapaz junta-se a nós na conversa sobre o futebol deles (muito menos profundo do que as conversas sobre futebol a que estou habituado) com o intuito de preparar terreno para outra pergunta mais importante para ele. Queria saber onde era o “cofeeshop” mais próximo.

Parecia envergonhado quando perguntou, falou baixinho. Ali essa pergunta era tão normal como perguntar pela padaria. Mas para ele era estranho e socialmente não aceite pelos outros membros do grupo. Disse-lhe onde era, e até era bastante perto dali, mas acabou por não ir por não conhecer a cidade?! A sua justificação não me convenceu e, acredito mais na possibilidade de não se ter lá dirigido para evitar posteriores perguntas acerca de onde tinha estado.

A pequena conversa é interrompida quando toda a gente vai beber um shot ao bar, ficando eu à margem. Como não tinha dinheiro para essas coisas disse-lhes que não bebia álcool. A partir daí foi-me difícil integrar o grupo pois eles continuaram a beber, comportamento não partilhado por mim. Para além disso o grupo já estava formado e iam-se embora na manhã seguinte, não tendo qualquer interesse na minha pessoa.

Não tardam muito mais e, perto da meia-noite e meia, foram-se embora para o hotel. Saio do bar e as ruas estão vazias e os cafés começam a fechar. É tarde para eles visto que se regem por outros horários. Fui para casa do Deln descansar e comer qualquer coisa, pois a fome era muita.

16/06/07 – Dia de jogo Portugal vs Israel

Camisola com as quinas de Portugal, dinheiro, “mp3”, bloquinho e duas canetas, tabaco e isqueiro, papel com a morada e contacto do Deln, chaves de casa, e vamos lá.

O presente sábado é um dia chuvoso, muito chuvoso. Nos dias anteriores estive também a chover muito o que não deixa muitas esperanças de uma melhora. Como sempre, nos dias de jogos, vou para o centro da cidade em busca de portugueses. Vou mais tarde do que das últimas vezes pois verifiquei que os espectadores só chegam à praça mais ou menos às cinco, seis horas. E, lembro, está a chover.

No autocarro penso nas contas do apuramento, para não variar. Portugal tem de ganhar a Israel e a Holanda tem de ganhar à Bélgica. As esperanças de que estes resultados aconteçam não são muitas, pois também sei que um empate entre a Bélgica e a Holanda fará com que estas duas equipas tenham o que querem: a Holanda fica em primeiro do grupo e a Bélgica é apurada para a segunda fase da prova. Ainda por cima, tratam-se de países vizinhos e todas as pessoas e mesmo a imprensa falam de um “arranjinho”. Até o treinador da Holanda já disse que ia poupar jogadores neste jogo.

No centro da cidade só vejo o lugar e muita chuva. Nada de espectadores, nem de uma nem de outra equipa. Não é um jogo importante dado que se trata um confronto entre as duas últimas equipas do grupo, uma sem hipóteses de seguir em frente e outra com poucas possibilidades. O confronto é entre dois países distantes do país da prova, sendo que os mesmos eram caracterizados por terem um poder de compra baixo. Estávamos no fim-de-semana, mas, segundo a minha experiência, este dia representa um dia de trabalho normal para os imigrantes portugueses na Holanda. E, repito, está frio e a chover muito. Decido fazer uma visita interna aos cafés do centro e não encontro nenhum adepto. Os cafés estavam quase vazios e cada vez que entro dentro de um as pessoas nem se metem comigo por eu ser de Portugal. Foi um período de tempo solitário. Quase não falei com ninguém durante aproximadamente uma hora, excepto para pedir um chocolate quente num dos

cafés, o que se revelou muito má decisão. Paguei quase cinco euros pelo raio do chocolate! O dia não estava a correr nada bem. Para além de todas as circunstâncias acima mencionadas, outro problema estava permanentemente a dominar o meu humor: se Portugal perder como é que vou embora?

Parti para o estádio, a pé, e nesse trajecto viam-se poucas bicicletas e quase nenhuma pessoa na rua.

Sete e meia da tarde: o cenário é desolador. Chuva intensa, poucos espectadores, muitos jornalistas que abrigam o seu material onde podem, eu todo molhado do trajecto efectuado... No entanto nem tudo era mau. Por causa da chuva que se fazia sentir, os espectadores aglomeravam-se em zonas protegidas. Isso faz com que haja bastante contacto entre as pessoas, facilitando a comunicação. Numa dessas zonas, encontro, entre outros, um casal de velhotes portugueses vestidos a rigor. O senhor é mais discreto: roupas casuais, cachecol de Portugal e boné do Benfica. A senhora é um regalo para os olhos, Portugal dos pés à cabeça. Imigrantes na Alemanha há muitos anos, falam português com dificuldade na pronúncia de algumas palavras. Tinham vindo “passar um sábado fora de casa”, sendo Groningen o sítio escolhido pelo facto de receber um jogo de Portugal. Não estão muito importados com resultados e futebol propriamente dito, mas sim contentes por se juntarem a outros portugueses no apoio ao seu país. Enquanto estávamos a ter a nossa pequena conversa, sempre que passava outro português por nós, a senhora exibia os seus símbolos e soltava pequenas frases como “força Portugal” ou “viva Portugal”. Nunca a ouvi pronunciar-se sobre a necessária vitória da nossa equipa de futebol. O senhor fala pouco, sendo visivelmente mais tímido que a sua companheira. Solta uns sorrisos escondidos e fala do mau desempenho da equipa nos jogos anteriores, culpando também os árbitros pela derrota de Portugal contra a equipa da casa. Começa a chover mais forte e o casal decide entrar no estádio, interrompendo o nosso contacto.

Preparava-me para sair do sítio onde estou quando cinco portugueses correm disparados na minha direcção, fugindo à intensa chuva. Todos rapazes, sensivelmente da minha idade, chegam ofegantes rogando pragas ao mau tempo que se fez sentir nos últimos dias. Eram de Lisboa e estavam radicados

numa aldeia perto de Groningen. Faz três meses que tinham vindo para cá trabalhar numa fábrica de flores, algo que em tempos também fiz, e que originou uma conversa extra futebol. Aproveitando o facto de o dia seguinte ser de descanso vieram até cá para ver o jogo. Ao contrário dos velhotes, estes estão verdadeiramente interessados na campanha da equipa portuguesa e sonham com uma conjugação de resultados favorável. Sabem o nome de todos os jogadores e mostram estar bem informados sobre cada um deles. Todos tinham um cachecol de Portugal à volta da cinta, por cima das roupas molhadas. Não tinham um vocabulário muito vasto e diziam muitas asneiras. Estavam a trabalhar na Holanda, e diga-se a ganhar bom dinheiro, mas não gostavam dos holandeses e por vezes insultavam cobardemente em português os estrangeiros que passavam. Pensando que não era sobre este tipo de espectadores que queria escrever, despedi-me e fui-me embora, arriscando uma corrida à chuva.

Noutro local de abrigo encontro mais espectadores portugueses entre os quais dois irmãos com quem tive o prazer de privar um bocadinho. Embora o seu país de origem fosse Portugal fizeram quase toda a sua vida na Alemanha, mais concretamente em Bremen. Têm sensivelmente a minha idade, e a sua conversa é afável e simpática. Ambos têm vestido uma camisola de Portugal antiga, uma com o nome de João Pinto e outra Rui Costa. Eram, claro está, do Benfica e acompanhavam o futebol português pela televisão sempre que podiam. Também eles aproveitaram o fim-de-semana para se deslocarem até cá para ver ao vivo a selecção, algo “que não podem fazer todos os dias”. São extremamente comunicativos, brincando com os espectadores das duas equipas que por ali passavam sem distinção. Chamam a atenção dos jornalistas e estes, face à escassez de espectadores, ficam bastante tempo a falar com eles. Como a espera mata o tempo, encaminho-me para a porta de entrada do estádio e resolvo entrar.

Ainda falta um bocado para o jogo mas mesmo assim estão muito poucas pessoas no estádio. Quase todos os espectadores tinham uma peça de roupa com as cores das bandeiras do seu país, identificando a equipa pela qual torciam. Enquanto escolho o lugar onde me quero sentar as equipas entram

para fazer o aquecimento. Atrás de mim três homens espalhafatosos, saltando e agitando bandeiras, gritavam “Portugal, Portugal”, sem medos nem vergonhas. Era com eles que eu queria ver o jogo. Ao vê-los ir ao bar comprar qualquer coisa pensei que seria um bom sítio para entrar em contacto com eles. O que aconteceu foi precisamente o contrário, mas resultou na mesma. De facto, foram eles que entraram em contacto comigo de forma surpreendente. Um deles, enquanto esperava a sua sandes, vira-se para trás, olha para mim, repara na minha camisola de Portugal e dá-me um abraço repetindo várias vezes “somos os maiores, vamos ganhar”. Fiquei logo contente, deixando-me contagiar pela sua boa disposição. Os outros dois ao nos verem abraçados começam-se a rir e a saltar gritando “Portugal, Portugal”. Toda a gente olha para nós. De repente, éramos o centro das atenções, sem que isso nos tenha incomodado muito. As pessoas passavam e achavam piada. Com aqueles gestos exercíamos uma influência positiva nas outras pessoas contribuindo para um ambiente mais festivo dentro do estádio. Coincidência, a chuva pára e por entre o cinzento carregado do céu surgem alguns raios de sol. Junto-me a eles no ritual das apresentações, digo quem sou e conto alguns pormenores da minha viagem nomeadamente a minha vinda sozinho, realçando a importância que o Deln teve no desenrolar da minha estadia. Ficam impressionados dizendo que eram incapazes de viajar sozinho como eu fiz e apresentam-se, no meio de muitos saltos e boa disposição. Como os outros rapazes que tinha encontrado, trabalham a cerca de sessenta quilómetros numa exploração de flores e já estão lá há bastante tempo. Ao contrário dos outros, não achavam os holandeses más pessoas, antes pelo contrário, tinham por eles grande estima. Achavam-nos pessoas simpáticas e prestáveis, nada dados a distinções sociais.

Como não estavam muitas pessoas no estádio pudemos escolher livremente em que lugar nos queríamos sentar. O sítio escolhido foi uma magnífica posição central a meia altura do estádio. Sentámo-nos os quatro em fila, o que não foi uma boa opção porque não consigo comunicar com um deles. Estou no meio dos outros dois sempre a fazer a festa com eles.

Entretanto, já perto do início do jogo o estádio está mais cheio. As crianças, acompanhadas pelos pais, preenchem-no quase totalmente. Nota-se que são holandeses mas muitos têm camisolas de Portugal, das quais quase todas com o nome de Cristiano Ronaldo. Se tivesse de fazer uma estimativa diria que aqui estão mais espectadores de Portugal holandeses do que portugueses.

As equipas entram no relvado e alinham-se para o hino nacional. Os rapazes que me acompanham param com a festa e levantam-se muito sérios para ouvir e cantar o hino nacional português. Transmitiam uma sensação de orgulho em ser português que eu nunca consegui sentir. Pela primeira vez nesta viagem ouvi o hino a ser cantado. Ao mesmo tempo vejo os poucos espectadores de Portugal espalhados pelo estádio a agitarem as bandeiras. Quando o outro hino começou a ser cantado é que não gosto da atitude dos espectadores que estão comigo. Sem respeito nenhum, gritam muito alto pelo nome do nosso país e iam dizendo em português, para ninguém perceber, que os outros eram fracos e terroristas só por serem de Israel.

Começa o jogo e eles continuam a gritar. Um deles, o mais desinibido, pega na bandeira de Portugal e começa a correr pelas escadas abaixo com ela na mão aos berros “viva Portugal”. Os outros riem-se e não ligam nenhum ao jogo. Esta demonstração de nacionalismo chama a atenção de um outro adepto de Portugal que se mantém um pouco por cima de nós, sempre em pé. O jogo ainda está a começar e já está a insultar o árbitro e os espectadores da outra equipa. Olhamos para ele e o senhor dirige-nos a palavra dizendo: “Ninguém me entende, portanto posso dizer o que quiser”. E lá continuou. Com ele nem uma palavra troquei.

Quando já estávamos a sentir o jogo de uma forma positiva, eis que no ecrã gigante do estádio aparece a pior notícia do mundo: Bélgica 1 – 0 Holanda. Foi pior que notícias de guerra e de fome, até maior que uma catástrofe natural. As esperanças abandonam-nos e a tragédia afecta-nos ao ponto de ficarmos um bom par de minutos a olhar o jogo sem nada dizer uns aos outros. Excepto o desinibido: este parecia não afectado pela notícia ou, pelo menos, não queria mostrar que estava. Continua a apoiar o seu país com

todas as forças que tem. Para piorar as coisas o outro senhor estendia agora os seus insultos aos belgas e holandeses. Parecia que tinha um megafone e nunca mais se calava. Até que um dos rapazes que está comigo tem a coragem de fazer aquilo que eu queria fazer dizendo: “Não se importa de estar calado? Eu entendo o que o senhor diz e não estou a gostar. Se quiser continuar com os insultos vá para outro lado”. Dito e feito, o senhor lá parou com os insultos. Quando o rapaz corajoso se sentou teve direito a uma palmadinha nas costas e um muito obrigado da parte do seu amigo. O outro não queria saber, era só Portugal na sua boca.

Pouco depois, ouço um barulho desenquadrado no estádio. Toda a gente gritava golo. Olho para o ecrã e lá estava a boa notícia: a Holanda acabara de empatar o jogo. A esperança volta a aparecer, só faltando mesmo um golito de Portugal para animar a malta. Contento, toda a gente grita golo como se tivesse sido Portugal a marcar levando o Marco a abraça-me com tanta força que quase me magoava.

Cinco minutos depois novo golo da Holanda. Aí é que foi a festa. Mais do que ver era sentir a festa, a emoção. Mais uma vez o público levanta-se aos saltos. Até os espectadores da equipa contrária dado que não têm nada a perder nem a ganhar.

Seguiram-se os primeiros cânticos de apoio à equipa nacional audíveis em todo o estádio e logo depois a onda aparecia, unindo todos os espectadores e derrubando rivalidades. O jogo desaparece quando a festa se propaga nas bancadas. Nessas alturas o jogo é nosso. O espaço transforma-se e deixa de ser um campo de futebol para ser um recinto de espectáculo.

De seguida o público acalma-se e observa o jogo. Portugal tinha de marcar. É visível o stress dos espectadores: uns abanam as pernas, outros roem as unhas, outros nem se mexem, todos com o olhar fixo no jogo. Até eu me deixo levar pela esperança e acredito que o golo vai aparecer. Aii! “Portugal, Portugal, do que é que estás à espera”

Passados vinte minutos o milagre acontece. Gooooo de Portugal. Se os resultados se mantivessem assim passávamos. Foi um golaço de Manuel Fernandes. Melhor que um golo decisivo só um golão decisivo. É só festa.

Toda a gente grita por Portugal, até os “portugueses holandeses” se fazem ouvir.

A festa ainda continuava quando Portugal marcou outro golo. Era o segundo e a confirmação. Portugal jogava bem e eu fico com a sensação de que a vitória já não nos podia fugir. Tudo dependia agora da Holanda que já estava a ganhar. O jogo chega ao intervalo e a festa continua nas bancadas. O Marco está agora a chamar a atenção das câmaras, queria aparecer na televisão. Eu e os outros dois falávamos da qualidade de vida dos holandeses e das principais diferenças culturais entre os dois países. O senhor deixara de insultar tudo e todos e junta-se ao Marco com o intuito de também ele aparecer na televisão.

Simpaticamente perguntam-me se quero comer qualquer coisa. Digo que não tenho dinheiro para gastar aqui, pois só tinha cinco euros no bolso e ainda queria sair depois do jogo. Vão os dois comprar qualquer coisa e na volta trazem-me uma coca-cola e um hambúrguer. Maravilha. É bom quando se encontram pessoas que ficam contentes por nos ajudar. O tempo de comer o hambúrguer foi o tempo restante do intervalo.

Mal começa a segunda parte, estamos nós a combinar a minha ida à terra onde trabalham quando Portugal marca mais um golo. Era o terceiro. Agora é só apreciar o jogo. Ainda estamos a festejar e mais outro. Já nem salto. Fico claramente contente mas estou mais preocupado com o resultado do outro jogo do grupo. O Marco, indivíduo de dentes muito estragados e roupas sujas e gastas, continua na sua festa incessante agora já com uma voz mais rouca. Os outros dois estão como eu: contentes mas sentados. Um deles, cada dez segundos, olha para o ecrã gigante com medo que alguma coisa má aconteça.

Passado um momento alguns miúdos aproximam-se de mim e sugerem-me a troca da minha camisola pela deles que era da Holanda. Não pude aceder ao seu pedido porque não tinha mais nenhuma ali comigo e precisava dela pois era uma das ferramentas do meu trabalho. Fiquei incomodado ao ver a tristeza do miúdo mas não podia fazer nada. Tentei esquecer esse episódio focando atenção no resto do estádio e o que via não era novidade. Grupos de

peessoas dispersas pelo estádio sentadas a ver o jogo. Já está tudo decidido e as pessoas (des)esperam agora por outro resultado.

O jogo ficou mais aborrecido e as pessoas também. Não existiam situações de perigo porque Portugal estava mais interessado em fazer a gestão da posse de bola. Como nessa altura tudo corria de feição, os rapazes explicam-me como fazer para chegar até à sua casa na Holanda. Desta vez o Marco também participa na conversa, deixando de se mostrar efusivo como no resto da partida.

Aos setenta minutos, ouço um murmúrio nas bancadas, olho para o ecrã e solto um palavrão. A Bélgica empata o jogo e Portugal está fora do europeu. As pessoas ficam mais caladas, mais sisudas, excepto o senhor acima de nós que volta a insultar tudo e todos. Anda de um lado para o outro, com ar nervoso e zangado, não prestando atenção nenhuma ao jogo nem se importando com as pessoas que o rodeiam e olham num tom depreciativo.

Foi assim até ao final do jogo. Tanto o senhor, como nós. Nesta altura não me importo tanto com o que ele diz. Posso dizer até que algumas vezes nem o ouvia. Toda a gente exhibe comportamentos diferentes para a mesma emoção, embora com traços gerais comuns. Numa primeira fase pensava que não estava a ser afectado pelos acontecimentos, mas estava enganado. Só reparei quando cheguei a casa. Durante os últimos vinte minutos do jogo quase não tomei notas sobre o que se passava. Tenho a certeza de que não foi de propósito ou por preguiça, simplesmente aconteceu sem que eu desse conta.

Quando o árbitro apitou vimos que o outro jogo tinha acabado empatado e pronto, não preciso de dizer mais nada. Pouco festivos, falámos baixinho uns com os outros olhando para o chão, culpabilizando os árbitros pelos maus resultados. Ao sair do estádio não havia muita festa. As pessoas vão simplesmente para casa como que estivessem a sair do cinema. Convidei os rapazes para virem até ao centro tomar um copo mas eles não quiseram, já não têm vontade de fazer festa. Disse-lhes que dadas as circunstâncias já não poderia ir visitar a sua casa e eles despedem-se com um “Viva Portugal” não muito convincente e até um pouco irónico.

Ao voltar para a cidade, a pé, sozinho, penso no jogo, nas táticas e no que poderia ter sido feito para que o campeonato não tivesse corrido tão mal. Mas não havia nada a fazer, estava perdido. Esse pensamento domina-me e não consigo pensar em mais nada. Até que encontro uma forma de não pensar mais no jogo. Concentro-me então noutro problema mais pessoal: como é que vou embora daqui?

A participação de Portugal no campeonato europeu sub-21 na Holanda em 2007 acaba aqui. Fica para a próxima.